INDICE

	Pág.
Nota de Apresentação	I a III
Breves resumos da situação do Pais antes da 1º Conferência Nacional decorrida de 1 a 8 de Março de 1981	1 a 3
Resenha do memorial do Comitê Central da FRETILIN/ Periodo da campanha de destruição das Bases Vermelhas	4 a 5
Discurso de Abertura da 1º Conferência Nacional decorrida de 1 a 8 de Março de 1981 na região militar Nakroma.	6 a 31
Acta da 1º Conferência Nacional	32 a 51

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DE TIMOR LESTE/FRENTE REVOLUCIONÁRIA DE TIMOR LESTE INDEPENDENTE

BREVES RESUMOS DA SITUAÇÃO DO PAÍS ANTES DA 1a. CONFERÊNCIA NACIONAL DECORRIDA DE 1 A 8 DE MARÇO DE 1981.

Período após as operações inimigas de grande envergadura para destruição das Bases Vermelhas de Setembro de 77 a Março de 79.

A partir de Setembro de 1977, o bárbaro invasor começou com as operações da campanha de destruição das Bases Vermelhas.

O primeiro sector a ser atingido foi a Fronteira Sul após o que seguiu a Fronteira Norte.

Em 1978 os 3 sectores Centrais sentiram, por sua vez, a envergadura da ção inimiga e, em Setembro desse ano, na Ponta Leste que compreende toda a parte oriental da estrada Baukau/Vikeke começaram as primeiras movimentações do inimigo. A táctica de terra queimada, a destruição total dos recursos económicos forçou a população dos Centros e das Fronteiras a render-se ao inimigo pois a constante mobilidade, a insegurança provocada por contínuos ataques e perseguições do inimigo enfraqueciam-na e estava a população no limite da sua capacidade física de resistência. Tendo perdido todos os haveres, sem nada para comer, doente e esgotada, só teve uma saída - aceitar o controle do inimigo e procurar outras formas de luta.

No entretanto, na Ponta Leste, a população que contava entre 120 e 130 mil estava em Matebian preparada para rechaçar o objectivo do inimigo enquanto as Forças iam detendo a vaga do invasor em direcção a Matebian.Em Outubro, apertou o cerco a Matebian e, só os Caças, as morteiradas e as canhoadas do mar conseguiram vencer a heróica resistência das Massas. As Forças do sector portaram-se magnificamente e defenderam com bravura aquela casa grande.Mas o poderio bélico do inimigo pôde impôr-se e, em 22 de Novembro de 1978,deu-se a ruptura da defesa de Matebian. As Forças saíram com a Direcção e a população teve de aceitar o controle do inimigo. Após uns dias de controle de Matebian, as forças inimigas perseguiram o grosso das Forças do Sector Ponta Leste que tomava a direcção do Centro, impedindo a passagem para aquele Sector com Tanques no cordão.

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

Foram empregues 12 batalhões para o assédio a Matebian contra um pouco mais de 700 armas das nossas Forças.

No entretanto, outros batalhões estavam nos Centros e nas Fronteiras a perseguir como alvo principal a Direcção da Luta tendo, até Março de 1979 exterminado totalmente os membros do CCF nos 5 Sectores do País. Este facto veio proporcionar depois ao inimigo terreno favorável para as acções de aliciamento que provocaram a rendição das Forças nos Centros e nas Fronteiras.

Na Ponta Leste, a presença da Direcção Superior fez-se sentir não só na organização imediata das Forças como nas primeiras iniciações de organização da população nas zonas brancas - campos de concentração -, onde o inimigo encurralava a população.

O vendaval do aliciamento causou também estragos na Ponta Leste com rendição de Forças, porém conseguiu-se evitar o pior. O Comissário Político Sera Key que fôra para contactar com o Comité Permanente a fim de se rever a situação da Luta foi capturado em Abril de 1979. Entretanto, em Março daquele ano, a Direcção da Ponta Leste enviou outra delegação aos Centros, tendo sido a delegação capturada conjuntamente com o Comissário Político Sera Key. Em Julho, seguiu outra delegação e regressou ao Centro Leste a informar da situação - inexistência de forças. Em Dezembro, uma primeira coluna nacional constituída por uma Companhia foi pelo Sul, chegou a Alas, passou por Turiskai. Ali, teve um embate com o inimigo e regressou por Laklubar dando conta de que estavam vazios. Em Maio de 80 nova coluna, meia Companhia, sob a direcção do membro do C.C. da FRETILIN - XANANA -, pôs-se em marcha pelo Norte com a intenção de alcançar as fronteiras e no objectivo de aclarar melhor os factos que se apresentavam toldados por informações tidas como falsas e pela propaganda do inimigo. Chegada perto de Remexio, após uma refrega com as forças inimigas vindas da capital para barrar a passagem ao cordão e com dificuldades de vária ordem mormente o desconhecimento do terreno, a coluna regressou ao Centro Leste, donde em Agosto, uma delegação seguiu para Kablake pelo Sul. Em fins de Outubro, a delegação enviada encontrou os dois pequenos grupos que actuavam isoladamente em Kablake e Mamelau. No entretanto, depois do assalto a Dili, em Junho de 1980, a Companhia que actuava para os arredores da capital e virada para Rai Laku, Bazartete e Tíbar veio ao encontro da coluna da Ponta no Centro Leste e, em princípios de Dezembro, os resistentes do Centro Sul e Fronteira Sul chegaram também.

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

A partir desta altura, Dezembro de 1980, conseguiu-se ter uma ideia objectiva da situação de todo o País. Sempre impedido pelo inimigo que começou a ter Ponta Leste como alvo principal e depois Centro Leste, onde a nossa presença começou a fazer-se notar na Organização das massas nos campos de concentração, em 1 de Março de 1981, começou a 1a.Conferência Nacional de Reorganização do País e para a constituição do Partico M-L/FRETILIN, reunião que terminou em 8 do mesmo mês.

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

RESENHA DO MEMORIAL DO COMITÉ CENTRAL DA FRETILIN. PERÍODO DA CAMPANHA DE DESTRUIÇÃO DAS BASES VERMELHAS.

Na Fronteira Sul, os membros do C.C.F. eram: O Comissário Político César Mau Laka e os adjuntos Paulo Rodrigues, Feliciano Fátima, Tó Barbosa, Antônio Pádua e Gari Buhana (Joaquim de Nascimento). O Comissário Político mais 3 adjuntos seguiram com parte da população para a Fronteira Norte enquanto Gari Buhana vinha com parte da população e Forças para o Centro Sul e Antônio Pádua permaneceu lá, onde morreu. Gari Buhana, aquando das operações no Centro Sul, esquivou de novo com a população da Fronteira Sul para os lados de Ramelau onde, capturado, foi assassinado. O Comissário Político Laka, em Janeiro de 79 vem da Fronteira Norte até ao Centro Sul ao encontro do Comité Permanente onde morreu também na Fronteira Norte, estavam: o Comissário Político Mau Kruma, o comandante do Sector Meno Paixão e adjuntos Fera Lafaek (Antônio Carvalho), Ali Alkatiri, Rui Gonçalves e Floriano Chaves. O Comissário Kruma, capturado, foi assassinado nos inícios de 79 assim como Fera Lafaek. Meno Paixão, Ali Alkatiri, Rui, Tó, Feliciano e Paulo aderiram ao Movimento SKYLIGHT e, tendo manobrado as Forças, renderam-se ao inimigo.

No Centro Norte, estavam: Alarico Fernandes - Secretário do Departamento de Informação e Segurança, João Bosco - Comissário Político e Montalvão, Afonso Redentor e Antônio Pinheiro - adjuntos, que promoveram o SKYLIGHT e renderam-se ao invasor com Forças e armas.

No Centro Sul, estavam: O Presidente da FRETILIN e da RDTL - Nicolau Lobato, o Chefe do Estado Maior - Bere Manu Koko (Domingos Ribeiro), os 1º e 2º Comandantes da Brigada de Choque Sebastião Sarmento e Guido Soares que tombaram nos fins de 1978. O Comissário Político Hatta, adjunto à Presidência, capturado, foi assassinado. O Comissário Político responsável do Sector, Lere, irmão do Camarada Lear e o Comandante do Sector Mau Luli (Valente Soares) e adjuntos Kakuk (Eduardo dos Anjos), Somoxo (Natalino Leitão), Sekar, José Maria, Artur Nascimento, Soi Mali (Bibere de Sekar), tombaram ou durante as operações ou depois delas.

No Centro Leste, estavam: o Vice-Presidente da FRETILIN e 1º Ministro da RDTL Mau Lear e o Comissário Político Nacional Bieki Sahe que em fins de 78 se moveram para a Fronteira Norte e tombaram no Centro Sul em Fevereiro de 79.

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

O Comandante de Sector Hermenegildo Alves, adjunta We We e Bi Lear foram depois capturados e assassinados. Os adjuntos Manu Key (Óscar de Araújo) e Nahe Berek (Saldanha) tombaram também em 79. O Comissário Político Lari Sina (Abel Ximenes) manobrou as forças do Sector e rendeu-se ao inimigo em princípios de 79.

Na Ponta Leste estavam: o Comissário Político Sera Key(Juvenal) e Adjuntos Mau Hunu, Solan, Xay e Xanana. Depois da ruptura, o Comissário Político Sera Key e adjuntos Solan e Mau Hunu seguiram com as Forças para o Centro Leste; o adjunto Mau Hunu regressa,assim como as Forças,para a Ponta Leste. O Comissário Político Sera Key e o Adjunto Solan, capturados, foram assassinados. Os adjuntos Xay e Xanana saíram na ocasião da ruptura de Matebian com uma Companhia para o Extremo Leste do território; o Adjunto Xay tombou em fins de 80. Assim, até à 1a. Conferência Nacional para a Reorganização do País, os 2 sobreviventes do C.C.F. eram: Kay Rala Xanana Gusmão que passara a desempenhar as funções de Comandante-em-Chefe e Mau Hunu Bulerek Karateyanu,passando ambos a ser membros do Comité Político do Comité Central da FRETILIN.

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

DISCURSO

Camarada membro do Comitê Central da FRETILIN, camaradas e companheiros de luta, iniciámos hoje um encontro que se reveste de uma importância vital para o nosso Povo e para a nossa Revolução. Hoje encontram-se aqui, a presidir a esta Conferência, os dois membros sobreviventes do sábio, intrépido e glorioso Comitê Central da FRETILIN assumindo as competências do Comitê Central da FRETILIN. É, pois, nosso dever, como manifestação da nossa mais sentida dor, elevada admiração e profundo respeito, lembrarmo-nos das heróicas mortes dos membros do sábio, intrépido e glorioso Comitê Central da FRETILIN: Camaradas Nicolau dos Reis Lobato, Mau Lear, Bieki Sahe, Hatta Ulas Timur, Mau Kruma, César Mau Laka, Sera Key Uau Gûrê, Lere, Bere Manu Koko, Kaukuak, Kakeu, Fera Lafaek, Uê-Uê, Bi Lear, Naha Berek, Mau Siri, Kakuk Lulik dos Anjos, Antônio Pãdua, Floriano Chaves, Xay-Malay, Mau-Luli, Soi Mali, Manu Key, Somoxo Mataro Mimiraka, Sékar, Hermenegildo Alves, Mau Solon, Gari Bohana, Artur Nascimento, Guido Valadares, Muki, Goinchete e Mau Lenas.

Por este magnífico exemplo de alto patriotismo e máxima fidelidade aos seus princípios e ideais, estas heróicas mortes reflectiram para nós como um clarão luminoso que há-de guiar-nos sempre em todas circunstâncias de luta como um motivo para alimentarmos, cada dia, maior determinação e maior ódio ao imperialismo e aos inimigos da Pátria e do Povo. É também com alto apreço, carinho e dor, ligados a cada um e a nós todos pelos laços inesquecíveis como companheiros de luta e camaradas de revolução, pelo seu ardor nas dificuldades e sofrimentos, nos sacrifícios e nos reveses, unidos no fragor da guerra pela solidariedade combativa e grande abnegação, que recordamos todos os Quadros Médios e Inferiores, civis e militares, que se entregaram com alma às tarefas da Revolução e tombaram também heróicamente nos diversos campos de batalha. Não podemos deixar de lembrar todos os valorosos combatentes das gloriosas Falintil que tombaram na defesa da integridade da nossa Pátria pela defesa do Povo Maubere. Recordamos ainda todos os verdadeiros filhos de Timor Leste que não negaram o sacrifício da sua própria vida pela Libertação da sua Terra.

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

Para todos esses heróis, principalmente, aos mui queridos membros do Comité Central da FRETILIN, honra e glória eternas! Um Minuto de Silêncio.*

Camaradas Quadros e militantes, civis e militares! É aqui que iremos tomar resoluções difíceis, resoluções de carácter estratégico e táctico, resoluções que vão definir a continuidade da Resistência armada: Resoluções que vão ainda permitir o prosseguimento consequente da libertação do Povo de Timor Leste.

Após as operações de grande envergadura que semearam morte e destruição na nossa Pátria. Após a destruição levada a cabo em Matebian, em Novembro de 1978, com a destruição da última base de apoio, a direcção tem vindo a procurar dar uma solução à situação periclitante do nosso País.

Até Março de 1979, período em que se operou uma modificação radical na intensidade das acções militares e na correlação de forças, com a retirada imediata de 30 batalhões do inimigo para fazer face à defesa da ASEAN, pela suposta ameaça que a Confederação da Indochina representava para a estabilidade do Sudeste Asiático. Como dissemos, até Março de 79, todo o País sofreu as graves consequências das operações de campanha de destruição das Bases Vermelhas com a perda total das mesmas e, por manobras dos capitulacionistas e traidores, a redução em mais de 95% do efectivo e material das Falintil.

Neste momento, o Povo Maubere está sob as garras assassinas dos ocupantes da nossa Terra. Neste momento, o Povo Maubere está submetido à mais feroz exploração depois de ter sido expoliado, rapinado, saqueado pelo inimigo. Este período constitui a situação mais delicada da nossa luta. O Comité Central da FRETILIN, no interior, ficou reduzido a dois elementos e na Direcção média e inferior, a redução atingiu os 90%. Os sectores Centrais apresentam um vazio assustador de Quadros e de Forças, só minorado com a persistência de um destacamento de guerrilha para os lados de Manatutu, no Centro Leste, e outros para os lados de Kablake, no Centro Sul. As duas fronteiras apresentam a mesma cor. Um destacamento de guerrilha vem resistindo em Mamelau e um pequeno grosso de Forças para os lados de Dili e Bazartete. Parece haver ainda grupos isolados de Forças no Centro Norte, no Centro Sul, na Fronteira Sul e na Fronteira Norte. Ponta Leste, com o esforço de todos, Quadros, combatentes e população, conseguiu ainda evitar maiores desastres à Luta. Em Março de 1979, face à mais perigosa ofensiva do inimigo pela via do aliciamento, em conluio com o torpe e capitulacionista SKYLIGHT, a Direcção do Sector Ponta Leste atravessou uma fase muito crítica.

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

Não queremos esquecer a reunião de Lalenu - Luapala, em que se deu a saber aos Quadros presentes, a situação nacional. Situação de controle e propicia a capitulações. Os Quadros responderam, sem hesitação, que estavam determinados a continuar a Luta e que a tarefa prioritária era organizar o Sector e que, se fosse necessário salvar o Pais, comecássemos por Ponta Leste. Os camaradas, ali, foram objectivos e indicaram seguramente a tarefa da Direcção.

Hoje, após dois anos de dificuldades, após um grande periodo de obstáculos estamos presentes Quadros vindos de todo o Pais. Há dois anos para cá que nós sentimos a falta de um timoneiro para dirigir a frágil embarcação desfacelada pelas alterosas tempestades do oceano de guerra; há dois anos para cá, que sentimos o impeto avassalador dos furacões que destruiram o nosso Pais desde as zonas expostas às mais fortificadas e recônditas; há dois anos que nos ressentimos com a gravidade da situação. O temporal amainou de certa forma, mas ainda estamos longe de termos alcançado a praia. O leme da nossa embarcação foi quase totalmente destruido, as velas estão rasgadas, o barco tem inúmeras fendas, os remos estão partidos; há dois anos que estamos encalhados num atol coralifero perigoso, demolidor. Os tubarões do imperialismo, com os seus gritos estridentes e sanha sangrenta, rondam os nossos corpos e acossam o barco querendo afundá-lo. Evitemos o escorbuto, evitemos a exaustão. A partir de hoje, vamos discutir sobre como vamos reparar o barco, as velas, os remos e o leme. A partir de hoje, vamos discutir a distribuição das tarefas e a mobilização do Povo. Só assim, poderemos pensar em sair deste banco de recifes. Mas, não procedamos à reparação do barco movidos pela impetuosidade ou citados pela ânsia de consertar apressadamente as velas, para que depois um pequeno sopro de vento venha rasgá-las mais do que estavam ou, induzidos em erro pela aparente acalmia, não reforçamos a carcaça do barco sem ter em conta as tempestades que nos aparecerão pela frente. Ou, iludidos pela efervescência da situação em que nós todos vemos a necessidade de pôr o barco a andar, sermos confundidos pelas aparências e não vermos o grau de importância e necessidade de atendermos à construção do beiro no seu todo.

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

Uns pensarão que bastam as velas, pois o vento benéfico do Leste conduzirá o barco a aportar em terra firme esquecendo-se que às vezes, o vento abranda. Outros, que bastam os remos e remaremos sem cessar até que as nossas forças permitam e não vêem que o nosso esforço será multiplicado pela quantidade de água que escoar das fendas. Outros pensarão que basta reparar as fendas e não vêem que, sem os remos e sem as velas não avançaremos. Outros, que basta modificar o leme sem ser necessário um revestimento de apoio pois não têm em conta os muitos escolhos, o que nos conduziria a vogar sem rumo nem norte, condenados a afundarmo-nos irremediàvelmente à menor corrente.

Após estas considerações iniciais que têm como objectivo alertar-nos erros de visão ou tendências para análises fragmentárias da situação, passamos a uma revisão dos factos. Porque estamos em guerra, é evidente que a nossa atenção se debruçará sobre a forma de condução da guerra. A nossa guerra de Resistência popular contra a ocupação estrangeira passou por duas fases distintas:

- A 1a., que decorre de Dezembro de 75 a Março de 79, apresenta no essencial os seguintes aspectos:

a) Direcção Superior intacta.

b) As FALINTIL contando com um efectivo em armamento superior a sete mil.

c) Controle de 8/10 da população do País.

d) Ligação permanente com o Exterior.

Estas condições permitiram, sobretudo, fazer avançar a Revolução no Campo Ideológico e Político e aumentar e consolidar o patriotismo do Povo Maubere, a confiança das Massas pela Direcção e a sua perseverança na Luta. As operações da campanha movidas pelo inimigo para destruição das Bases Vermelhas obtiveram sucessos com:

a) O aniquilamento em 79% da Direcção Superior, no plano interno, por morte em combate ou massacres e rendições.

b) O aniquilamento das FALINTIL em mais de 80% e numa percentagem desastradamente superior em armamento.

c) A perda das Bases Vermelhas com a perda do controle sobre a população.

d) O corte de ligação com o Exterior dificultando enormemente a nossa luta.

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

- A 2a., que se estabelece de Abril de 79 até este momento, compreend a situação actual de desgaste das forças inimigas e das nossas próprias Fo ças, se não enveredarmos por uma correcção justa e eficaz das formas de co dução da nossa guerra.

Porquê, perguntamos, chegámos a esta situação difícil? Como chegámos a este ponto realmente crítico? Para isso contribuiram factores subjectivo e objectivos que é necessário desvendar e encarar sèriamente. Se passarmos por cima, isto é, se nos recusarmos a examinar detalhadamente estes factos que intervieram, condicionando ou determinando o curso da nossa guerra até esta situação, o que nenhum de nós deseja, seremos forçados a caminhar pela evolução na continuidade e não descobriremos com exactidão as nossas falhas nem atenderemos sobretudo à necessidade de corrigi-las.

A guerra é ganha pelas condições políticas, materiais e económicas, militares e naturais existentes a favor de um e a desfavor de outro mas, o que determina essa vitória é a capacidade subjectiva do comando. É aqui que reside o ponto nodal da questão, a chave de toda a problemática da guerra. Vamos extrair dos erros as lições necessárias, pois só assim permitiremos a continuidade da luta armada de Resistência Nacional contra a ocupação estrangeira da nossa Pátria.

Da fase inicial de Resistência espontânea à consolidação das Bases Vermelhas verificamos um avanço irreprimível no plano Ideológico e Político acentuado com a criação de condições para o Povo tomar o poder. Este progresso significativo constitui agora o nosso ponto mais forte e a pedra angular em que assentam as nossas actividades de Resistência. Aqui, importa elucidarmo-nos sobre esta questão. Falamos muitas vezes de apoio da população como um tema que embora reconheçamos influir positivamente na nossa Resistência como forças da Revolução, referimo-nos a ele, apoio, sem a conexão necessária ou, pior ainda, obscurecido da sua verdadeira essência. O trabalho político desenvolvido nas Bases Vermelhas permite hoje a participação activa e consciente do Povo Maubere na sua luta. É o Povo que faz a guerra por participar na guerra e, se chegámos a este resultado magnífico, a esta prática incontestável, devemo-lo à sábia, correcta e justa Direcção do Comité Central da FRETILIN. Não falamos de apoio da população como uma coisa abstracta ou acessória, falamos da participação da população como uma coisa concreta, real e fundamental.

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

Tem um carácter mais verdadeiro e palpável quando definimos que o Povo participa na Luta porque, em suma, a luta é do Povo e não é apenas nossa. Não é sòmente das FALINTIL. As FALINTIL são a vanguarda combativa desse Povo que quer libertar-se constituindo-se a Direcção a sua vanguarda dirigente.

Assim, verificada a situação no plano político, perguntamo-nos sobre a causa desse retrocesso. Poderemos dizer que o retrocesso atingiu simplesmente o plano militar, ou terá alcançado outros níveis? Para responder a isso, olhemos a realidade e ela nos apontará, com segurança, a base das nossas conclusões.

1 - Pela destruição das Bases Vermelhas, sofremos consequências negativas no plano económico para a subsistência das FALINTIL, mas isso não impediu a sobrevivência das nossas Forças.

2 - Pela destruição das Bases Vermelhas, o Povo Maubere ficou impedido de usufruir das liberdades democráticas conquistadas. Porém, a nova situação consolidou a consciência política das Massas.

3 - A morte dos elementos-chave da Direcção Superior provocou o derrotismo por parte de alguns Quadros Superiores e Médios. Todavia, a nova situação fez-lhes ver o erro do seu subjectivismo e muitos deles participam na luta de outras formas.

4 - A capitulação dos Quadros Superiores e Médios provocou uma importante redução no efectivo e material das FALINTIL e esta redução implicou uma estagnação inevitável nas acções armadas impondo maiores dificuldades à luta.

Em suma, no plano ideológico, Quadros Superiores e Médios vergaram-se sob a pressão inimiga, provando não só a fragilidade de classe como ainda a indefinição do Partido. Os combatentes, na sua maioria, foram ao reboque dos acontecimentos, o que indica o pouco trabalho político desenvolvido no seio das FALINTIL. Afirmamos então que o retrocesso atingiu o plano militar, provocando a própria situação um salto qualitativo no todo.

Ponta Leste conseguiu sobreviver à derrota fatal. Perguntamos. Será que houve maior idoneidade política no seio dos Quadros e forças daquele Sector? Somos de opinião que não podemos resumir tão erradamente a sobrevivência da Ponta Leste ao factor de maior assimilação ou interiorização da Linha. A resposta está em que a Ponta Leste sobreviveu com o sacrifício das outras partes do País.

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

Muitos camaradas morreram para que nós continuássemos a viver, conscientes de que não negaríamos o preço de sangue que lhes foi exigido. Muitos camaradas se renderam ao inimigo levados pelo derrotismo ou por outras razões e pelas condições difíceis concretas por que passaram em situações concretas. Não negamos que, pelo esforço de todos, conseguimos, na Ponta Leste, não só sobreviver como ainda organizarmo-nos e passarmos até a conhecer as nossas potencialidades. Mas não devemos esquecer nunca que a nossa sobrevivência se deveu, em grande parte, ao sacrifício de outros camaradas.

Podemos dizer, em resumo, que o objectivo estratégico das operações da campanha de destruição das Bases Vermelhas foi obtido. Contudo, nós afirmamos que o inimigo ainda não ganhou a guerra. Venceu uma batalha importante reconhecemos, mas está condenado à derrota.

Contudo, afirmar isso implica que corrijamos os nossos métodos de actuação anteriores e que, a partir da verificação das falhas, privemo-nos de vir a cometê-las no futuro. Isto é fundamental e sem o que, desembocaremos inevitàvelmente na derrota. O factor subjectivo do Comando é o determinante na condução da nossa guerra para a vitória. Compenetremo-nos profundamente deste ponto.

Em 1º lugar, situa-se a questão de princípios, pois sem assimilação correcta e crítica, não nos desembaraçaremos da maré de dificuldades e só a sua aquisição permitirá uma orientação objectiva nas nossas actividades. Isso significa unidade de princípios.

Em 2º lugar, unidade de comando através de uma visão marxista dos fenómenos que incentivará o desenvolvimento integral das tarefas da Luta sem entraves de ordem subjectiva e unilateral das actividades, tomando-as na sua interdependência necessária.

Em 3º lugar, a aplicação efectiva, real e consciente, dos princípios do Partido e métodos de direcção.

Em 4º lugar, a confiança nas nossas capacidades potenciais subjectivas e materiais.

Vamos dar os pontos essenciais da causa preponderante do nosso retrocesso:

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

A.

1 - A má assimilação dos princípios militares que originou a sua não aplicação dinâmica na guerra específica de Timor Leste.

2 - Proveniência dos Quadros militares da instrução militar colonial, o que dificultou a correspondência de opiniões no campo militar de princípios.

B.

3 - Não participação dos comandos dos sectores no conjunto da Direcção da guerra quer na recolha de experiências quer no empenho de sobrepôr os interesses gerais da Luta aos interesses parciais.

4 - Os comandos dos Sectores revelaram-se inactivos na condução da guerra com reflexo no Comando da guerra e vice-versa.

C.

5 - A linha militar definida não foi aplicada.

6 - Para a contra-campanha, não houve um plano geral, nem as experiências de outros sectores foram recolhidas devidamente e transmitidas cabalmente para correcção, o que levou cada sector a aplicar-se isoladamente e ir ao reboque dos acontecimentos.

7 - As forças principais do País não desempenharam o seu papel em algum momento que fosse.

D.

8 - A informação das Zonas Brancas, no plano táctico e nas partes, foi simplesmente relegada, não se tendo em conta ou não se definindo as actuações das nossas Forças concentradas no todo e nas partes.

E.

9 - O medo de perder a população, o que significa falta de confiança nas Massas.

No âmbito do Comando Superior da Guerra:

1 - Não se definiu a etapa da Guerra.

2 - Não se definiram as características da nossa guerra.

3 - Não houve síntese permanente das várias experiências adquiridas nos diversos sectores no plano global das actividades da guerra.

4 - O Comando nacional destituído de iniciativa de acção.

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

EXAMINEMOS AS QUESTÕES:

A formação da Brigada nasceu da necessidade de se exercer superioridade no plano táctico e operacional com o objectivo de crescer. A linha militar definida pelo Comité Político foi a de aplicação da guerrilha pelas forças regionais e a guerra móvel pelas forças concentradas, o que equivaleria passarmos a ter iniciativa em acções militares, significando também passarmos da defesa passiva a uma defesa realmente activa. No plano de concentração de forças, a cada Sector incumbiria o papel de accionar as forças de intervenção em actuações de choques decisivas para proporcionar ao conjunto condições necessárias de crescimento, com o aperfeiçoamento das tácticas de guerrilha pelas forças do Sector a quem se entregava a defesa da base no conjunto e nas partes. A Brigada de Choque, ao actuar, procuraria aniquilar os pontos fracos do inimigo. Nesta ordem de ideias, o que se viu? Nem a B.C. nem as F.I. de cada Sector cumpriram o seu dever de forças concentradas. Porquê? Julgamos que foi pela má assimilação do princípio de concentração de Forças, limitando-nos ao grau sem atendermos às formas. E cingindo-nos à intenção-objectivo sem passarmos à acção-tácticas. Isso foi o reflexo geral numa combinação do todo para as partes e das partes para o todo. Desejava-se que a B.C. tivesse uma concentração total e única das suas unidades, o que não foi possível pelos problemas económicos que acarretava esta medida. Procedeu-se então à colocação por dispersão das unidades da B.C., o que estava correcto, mas que segundo a visão corrente, na altura, era contra-indicada. Assim, deparamos que a concentração das forças não tinha significado em grau, forma, momento e lugar e era tida como necessidade de concentrar pura e simplesmente.

Outro erro produzido pela má observância das características específicas da nossa guerra foi o de compreender a nossa guerra como guerra de campanhas com as mesmas condições de uma China. Não se diferenciando isso, foram negadas as mudanças que se operam na estratégia e tácticas da guerra em geral e, na guerra revolucionária em geral. Afirmamos que,o facto de termos agarrado a teoria das campanhas ou da alternação de campanhas, foi a causa fundamental da não aplicação correcta das nossas forças principais. E isto é, por sua vez, produto da falta de análise das nossas condições específicas. Senão, vejamos a diferença em terreno, simplesmente na extensão,que nos proporcionaria fixarmos o termo da retirada. A exiguidade do terreno provocou, pelo contrário, uma mobilidade sem planeamento. E porque cada Sector se viu obrigado a defender a sua casa; o cerco inimigo estreitava-se

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

à medida que avançava, reduzindo-nos o campo de acção e diminuindo enormemente as nossas possibilidades de contra-ofensiva. Sempre que se chega ao ponto de poder concentrar-se as forças, isso significa para qualquer movimento de libertação que se vai dar um arranque e que, portanto, dentro da ofensiva do inimigo tomar-se a iniciativa de ofendê-lo ou, por outras palavras, passar-se à contra-ofensiva. Se tivéssemos tomado em consideração que uma campanha e uma contra-campanha, na China, constituiram uma operação estratégica, e não o conjunto de uma guerra, teríamos reduzido as nossas falhas no plano subjectivo de condução da nossa guerra. Teríamos, por outro lado, definido correctamente a etapa e previsto a etapa seguinte que implicítamente, se queria alcançar com a concentração de forças. 7500 arma não são mil (1000) nem quinhentos (500) armas; são sempre 7500 armas cujo proveito adequado só nos teria trazido benefícios à luta armada. Virados p ra a realidade concreta da nossa guerra, nunca se permitiria, nem a B.C. d veria ter esperado ser derrotada unidade por unidade como aconteceu.

Defendemos a ideia de que nos era materialmente possível quebrar uma das operações da campanha de destruição das nossas Bases Vermelhas. Perguntar-nos-ão como? Pois se, enquanto as operações inimigas se iniciavam nas duas Fronteiras, tivéssemos concentrado a B.C. e atacássemos Manatutu, Baucau, Viqueque ou mesmo quaisquer outras vilas pequenas dos Centros ou da Ponta, não teríamos modificado o plano do inimigo que era bater Sector por Sector? Aquando da operação da Fronteira Sul, as Forças daquele Sector seguiram para a Fronteira Norte e algumas para o Centro-sul, o que nos recomendou a capacidade de movimentar as Forças e, só dos Centros e da Ponta Leste podíamos, em qualquer altura, concentrar no mínimo 2000 armas para o ataque a uma vila. Se tivéssemos feito consecutivamente, dentro de um plan adequado e prevendo situações por parte do inimigo, ele teria continuado as suas operações obedecendo à estratégia de destruir a partir das Fronteiras até à Ponta Leste? Se tivéssemos derrotado o inimigo nalguns pontos fracos ou sensíveis, ele ver-se-ia obrigado a modificar os seus planos. A perda da população da Fronteira Sul foi um alerta e um exemplo. Mostrou-nos que podíamos perder a população e que este facto não constituía graves implicações na nossa guerra. Aliás, tinha respondido às nossas apreensões sobre este aspecto. Faltou, foi adquirir uma visão correcta desta experiência da Fronteira Sul. E, embora nos tivessemos convencido psicológicamente de que a conservação do todo implica a não conservação da parte, não soubemos afastar da nossa mente o receio de perder a população e isso ficou traduzido na inoperância no campo militar e acarretou maiores dificuldades às nossas tropas.

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

Quisemos, assim, explicar em síntese as falhas de carácter subjectivo do Comando resultantes da apreciação das condições concretas específicas da nossa Luta e da assimilação deficiente ou talvez incompleta dos princípios militares da guerra revolucionária em geral, um e outro aspectos sendo a base que conduziu à não definição de princípios aplicáveis à guerra revolucionária específica de Timor Leste. Em resumo, não se alcançou o objectivo da concentração de Forças.

A acrescentar, apontamos que o facto dos Quadros militares a nível do Comando Superior terem sido provenientes da classe dos sargentos do exército colonial foi um entrave sério para a compreensão dos princípios da guerra revolucionária. A aquisição como produto necessário da profissão, de princípios e leis de guerra sob o ponto de vista burguês, ocultava ou sobrepunha-se à necessidade de aprofundar os princípios correctos e, mais principalmente, descobrir o dinamismo que estes princípios encerram.

Afirmamos que o Estado-Maior das FALINTIL padeceu de falta de iniciativa não só pela inexistência de uma coordenação de acções de planeamento geral como ainda de ausência de planos parciais para cada Sector. O Estado-Maior das FALINTIL conheceu antecipadamente a estratégia da campanha do inimigo. Após a experiência da Fronteira Sul e da Fronteira Norte, estava-se em condições de rever os nossos métodos de actuação, de elaborar um plano global adequado, dando às operações da contra-campanha, nos Centros e na Ponta Leste, outra alternativa de resposta à campanha no seu todo. Aqui, faltou a visão marxista dos problemas. Apreciando ainda as actividades militares ao longo dos três anos anteriores, achamos que podemos afirmar que os Comandos dos Sectores não desempenharam cabalmente a sua missão de Comando no papel de planeamento Sectorial de operações, no papel de sintetização de experiências e no papel de contribuição de dados para a reverificação constante a nível do Estado-Maior das FALINTIL de ideias ou pontos básicos necessários para um conhecimento profundo da realidade. Não foram nem auxiliares do E.M.F. nem orgãos dirigentes militares no seu Sector. As operações das gloriosas FALINTIL foram fruto da tenacidade e iniciativa dos Comandos das companhias, pelotões e Secções. Isso, porém, não significa negarmos a participação pessoal que os Comandos dos Sectores, não o sendo ainda, tiveram nas frentes de batalha no período inicial da invasão.

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

Uma questão importantíssima, como a questão militar, foi abandonada à prática dos combatentes tendo a Direcção Superior e Média da guerra reduzido a sua participação na Organização. Realmente, ter-se-ia resumido simplesmente a isso? Concordamos que não.Mas as poucas e inconsequentes iniciativas de uma ou outra parte não invalidam o nosso ponto de vista. Afirmamos ainda que, na luta entre os dois campos de conceito, houve vitória do supérfluo sobre o verdadeiro. Posteriormente, o Comité Permanente, estudando mais atentamente o problema militar lançou um alerta aos Comandos dos Sectores no sentido de estudarem mais afincada e profundamente a questão militar, prevendo o retrocesso da nossa luta se não corrigíssemos as nossas falhas, o que veio efectivamente a dar-se. Isso demonstrou a imensa preocupação do Comité Permanente em encontrar uma solução para a gravidade da situação que se desenhara e tomava forma mais ampla. Sòmente, esse esforço notório de solução pela defensiva nacional tardia não foi secundada pelos Comandos dos Sectores e, pensamos inclusivamente, pelo Estado-Maior das FALINTIL.

Aproveitemos pois desses ensinamentos e o que importa, agora e sobretudo, é cada parte não perder de vista o geral e cada parte também fazer prevalecer sempre os interesses do todo sobre os interesses da parte. Dirão, isso tudo vem comprovar em maior escala a nossa inexperiência. Todavia essa visão simplista dos problemas que nos afectam não pode, de nenhuma forma, negar os erros que cometemos nem negar nunca a tomada de sentido dos erros que só assim pode melhorar as nossas práticas posteriores. A B.C. formou-se e não se formou pela simples razão de que, formada ela, a sua aplicação não obedeceu às condições e situações concretas específicas do nosso País. Se, nesta reunião, tivermos de resolver ainda problemas desta natureza, baldados serão os nossos esforços de imprimirmos um passo em frente à nossa Luta. Eis o que temos a dizer sumàriamente sobre o Comando e sobre as Forças principais.

Como não foi uma alternação de campanhas, mas sim, uma sucessão de operações em tempo contínuo, nós denominamos as operações de envergadura desenvolvidas pelo inimigo, desde a 2a. metade de 77 ao 1º trimestre de 79, como operações de Campanha de destruição das Bases Vermelhas.

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

Dizemos que, um dos conceitos que foram mal assimilados foi o da guerra de movimento e porque não éramos flexíveis na aprendizagem da teoria, ousávamos muitas vezes lançar este fraseado vazio sem se pensar na inversão dos papéis e, sem medir as trágicas consequências que resultaram para nós a incongruência da afirmação: "Com a guerra de movimento, faremos dos gordos magros e dos magros cadáveres". A não assimilação crítica veio provar-nos precisamente o contrário. Muitos dos nossos heróis tombaram por causa da doença e desgaste físico, pela aplicação da "guerra de movimento", como conceito adquirido na altura. Este conceito, interpretado erradamente, albergou outros conceitos inadequados que retiraram, a um plano aceitável, uma visão marxista das operações militares. E as formas de actuação nas operações de contra-campanha foram o recuo da linha e uma oposição ou um encurtamento da linha da Frente e à direcção operacional. Fizemos, foi recuar a linha sem limites, e as direcções operacionais nossas, classificadas em principais e secundárias, eram ditadas pela imposição do inimigo num determinado Sector atingido. Não tivemos uma direcção operacional estabelecida para as nossas forças principais nem cada Sector tinha uma direcção operacional a partir da qual empregasse iniciativa de acção. Fomos, no todo e nas partes, ao sabor dos acontecimento. O inimigo comandava realmente a guerra, não porque tivesse de ser assim permanentemente, mas nós é que não conseguimos sair do quadro estreito da passividade provocada por todas as tendências erróneas na apreciação da nossa guerra específica a Timor Leste. Não quisemos sacrificar uma parte e viemos a perder o Todo. Que estes erros resultantes da falta, de carácter subjectivo, não se repitam.

Extraiamos devidamente as lições do passado. Para isso, é necessário sabermos aprender o que vem nos livros. É necessário ainda, para a sua aplicação prática, estabelecermos as devidas distâncias em tempo e lugar entre as nossas condições e as condições em que se desenrolaram outras guerras revolucionárias. As nossas condições não invalidam os princípios. Sòmente, pedem outra forma na sua aplicação. É verdade que o marxismo tem princípios universais, mas não é um dogma, é um guia de acção. Assim, qualquer movimento revolucionário adapta as leis gerais à especificidade das suas condições concretas. Um princípio compreendido no período das Bases Vermelhas pode sofrer, nesta fase, alteração no que diz respeito ao seu conteúdo e formas de acção.

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

É nossos dever encontrar isso. Iremos discutir isso, detalhadamente nesta reunião, estes e outros princípios para obtermos um senso comum.

Assim, voltamos a dizer, o inimigo conseguiu alcançar, no essencial, o objectivo da sua estratégia da campanha de destruição das Bases Vermelhas Mas reparamos que não foi pelo seu poderio militar que o inimigo aniquilou as FALINTIL. Conseguiu provocar, isso sim, uma grande quebra no estado psíquico e físico das nossas Forças.

As operações da campanha, em si, apesar da destruição imediata inicia da Fronteira Sul não tiveram um efeito fatídico imediato em todo o País. Em todas as operações de contra-campanha, verificou-se uma resistência capaz, organizada e generalizada da população.

Em toda a campanha, verificámos duas formas distintas de actuação: a mobilidade executada pelas Forças e população em todos os Sectores e a defesa de Matebian. Em cada uma delas, errámos. Nos outros Sectores, a movimentação da população, além de pesada e difícil, era um fardo para as Forças e impedia a estas, liberdade de movimentos e acção, tanto mais que estavam empenhados na defesa e segurança da base móvel. As Forças não ofereceram uma resistência cabal, se definirmos que para quebrar aquelas operações eram necessárias actuações de choques decisivos que afectassem o plano do inimigo. Para isso, havia a necessidade de se compreender o alcance da ideia de encurtar a linha de Frente e a distinção com o recuo da linha. Em qualquer dos Sectores fizemos o recuo da linha, mais ou menos apressadamente, segundo a marcha imposta pelo inimigo. Em Matebian não só verificámos todos isso como ainda a opção pela guerra de posição, na preocupação de fechar todos os furos e, assim, perdemos totalmente a iniciativa que nos permitiria atender às dificuldades. A obediência à imposição do inimigo forçou-nos a uma mobilidade desgastante das nossas Forças e população e a devastação da economia causada pela táctica de terra queimado obrigou à rendição da população.

Não houve, por conseguinte, planos concretos de contra-campanha cuja preparação não passou do plano político e de propaganda. Somos de opinião que, para se desfazer a Campanha e evitar, no essencial, o objectivo do inimigo era necessário que o Comando Superior da Guerra tivesse estabelecido um plano de actuação pelas forças principais pois cada Sector dificilmente suportaria a envergadura do inimigo. Um plano geral visaria a capacidade de empenhamento da B.C. e um planeamento acessório para as Forças de cada Sector traduzido em múltiplas acções de aniquilamento e desgaste.

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

Aqui, residiu essencialmente a falta de iniciativa da nossa parte que nos conduziu a uma mera passividade. Ela manifestara-se ao longo da luta e, tornamos a repetir, só registámos um grande nível de iniciativa a nível de Comandantes subalternos.

Reportando-nos a estes dois anos, apesar dos esforços tendentes a melhorar, a passividade continua na sua essência embora queiramos aparentar iniciativas com planeamentos apressados e inconsequentes. É um problema grave para nós neste momento. Como quebrar a passividade? Tomando iniciativas descontroladas? Não pode ser esta a solução. A chave está em desenvencilharmo-nos deste círculo vicioso e passarmos realmente a impôr ao inimigo as nossas intenções, forçando-o a vergar-se aos nossos desejos com sequência e segurança e plenos de confiança nas nossas reais capacidades. Intenções essas que serão fruto da situação e das condições que criaremos com os nossos esforços pois elas não cairão do céu ou por desígnios de algum deus. Quais serão então as condições no plano subjectivo do Comando para adquirirmos iniciativa?

Em 1º lugar, é primordial possuirmos uma visão marxista da guerra e de qualquer fenómeno. Só a partir desta base, podemos ter vencido o fardo esmagador das nossas dificuldades no campo teórico das ideias, como premissa para a melhoria no plano prático das nossas actividades no conjunto e, necessàriamente, nas partes.

Para se chegar a isto, implica sobretudo, da nossa parte, humildade na aprendizagem com os outros; implica ainda sinceridade na discussão dos problemas com o objectivo de servir o Povo. Perdemos tempo e esforço, se cada um de nós quiser fazer prevalecer o seu ponto de vista na medida em que podemos pensar que por nenhum de nós ter ido tirar um curso de Mestre em academias militares ou em universidades, nenhum de nós pode, pela simples razão de que estamos em igualdade de circunstâncias, vir a arvorar-se em perito disto ou daquilo.

As questões que levantamos não vão ser impostas, mas sim postas à consideração de todos para debate franco com o objectivo de aclarar a verdade. Que não sejamos infantilmente competicionistas quando, em reuniões, adoptamos uma atitude de defesa radical ou optamos por uma atitude fingida de acordo para, em seguida, desabafarmos com outros a nossa discordância, revelando posições sectaristas.

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

Todos nós estamos comprometidos com a luta. Há-de custar, assim tanto, renegarmos estas tendências incorrectas para melhor servir a revolução, ou o grau com que se mede a nossa participação é pela quantidade de vezes de termos ganho uma discussão? Se, cada um de nós, não se importa de dar o sacrifício da própria vida para servir o povo, há-de custar, assim tanto, como se se tornasse um sacrifício, perdermos esses comportamentos que só entravam a libertação de nós mesmos? Pois, é necessário sermos humildes e sinceros para podermos adquirir uma visão marxista dos fenómenos que só isso nos explicará o seu desenvolvimento e nos proporcionará um método correcto para encaminharmos as nossas ideias e passarmos à acção. Após isso, ou com isso, não é menos necessário um debate consciencioso dos princípios cuja compreensão correcta fornecerá uma linguagem comum a todos nós e acolherá uma maior desenvoltura nas nossas iniciativas limando as arestas que ainda põem em choque as assimilações individuais, fruto de esforços pessoais louváveis, mas incompletos. Essa linguagem comum trará, como consequência inevitável, uma sólida unidade de Comando quer no plano de princípios basilares que nortearão as nossas actividades no conjunto da guerra quer no plano da prática, em valores de correspondência pelo empenho que cada um reforçará no cumprimento integral e metódico das suas tarefas específicas. Só assim, nós podemos conduzir com franca percepção das nossas reais potencialidades, salvaguardando e consolidando os nossos pontos fortes e evitando e eliminando os nossos pontos fracos, face a um inimigo poderoso, mas cada vez mais impotente. E, unidos ombro a ombro, reforçando a nossa unidade através dos métodos correctos de direcção, combatendo a impetuosidade e desfazendo, na mesma medida, a passividade que nos adoenta.

Ousemos derrotar o nosso poderoso inimigo, libertando a pátria e o querido povo Maubere. Entretanto, a luta continua.

Nós dizemos que, nestes 2 anos, somámos experiências novas e adquirimos inegàvelmente um grau notório de desenvolvimento em diversos domínios. Este desenvolvimento manifesta-se na proporção tanto maior quanto maiores foram as nossas dificuldades de sobrevivência. Estes dois anos foram, como dissemos noutra altura, uma síntese e uma confirmação. Não podemos classificar taxativamente de impasse ou de estagnação. Na forma, ela, a situação revelou uma tonalidade passiva no plano exterior do fenómeno, mas alimentou um conteúdo muito activo, aliás, afirmou um carácter activo sem precedentes.

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

No plano político, as massas controladas e encurraladas no campo de concentração deram-nos a conhecer a sua firme determinação de continuar a luta. Na resistência, cada um de nós desenvolveu as tarefas necessárias. O esforço de compreender a situação do Todo foi uma preocupação constante, sinal de que a prática, embora limitada a cada raio de acção, era tomada como complemento necessário para modificar a situação crítica do País.

No plano militar, as nossas forças conheceram um grau combativo superior e demonstraram inabalável vontade de derrotar o inimigo.

No plano ideológico, é agradável como significativa, a tomada de consciência que cada um, desde quadros, comandantes e combatentes demonstrou sobre a necessidade de aperfeiçoar cada vez mais o conhecimento sobre a nossa linha política. Esta sede de aprender é um passo em frente, se tivermos em conta as rendições existentes nas Bases Vermelhas.

As nossas forças forjaram-se mais nestes 2 anos. Sofreram as maiores privações, as mais árduas situações, as mais tremendas dificuldades. Estes 2 anos foram um período positivo de teste. Podemos afirmar com convicção que, mais uma vez, derrotámos o inimigo. Estes 2 anos foram um período de reverificação. Estamos garantidos de que a nossa luta pode prosseguir até à vitória do Povo Maubere. Podemos afirmar resolutamente que o inimigo vergar-se-á à nossa força e venceremos quaisquer dificuldades, removeremos todos os obstáculos que estorvam a nossa marcha para a vitória. Conhecemos melhor o inimigo, conhecemos melhor a nós mesmos e perante as nossas dificuldades próprias e as nossas capacidades potenciais vamos dirigir o Povo Maubere no prosseguimento da luta armada de resistência nacional. Conhecemos plenamente os modos de actuação do inimigo e as suas actividades internas e em todos os campos. Estamos familiarizados com as suas operações em todos os domínios. Conhecemos melhor os pontos fracos e os pontos fortes do inimigo e conhecemos também os nossos pontos fracos e os nossos pontos fortes. Pensamos estar na altura de saber definir o inimigo em todos os aspectos e no plano estratégico e tático, isto é, de poder apreciá-lo e encará-lo mais objectivamente.

Avançámos portanto. Não foi, por isso, um período de impasse ou de estagnação porque, tomado no seu todo, o fenómeno não parou, pois este mesmo fenómeno no seu crescimento irresistível, como processo, estava em mudanças aparentes, insensíveis e graduais, que, somadas e resumidas hoje, constituem a mudança radical visível e palpável.

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

Sem este período aparentemente estacionário, não teríamos reunido as experiências necessárias para uma verificação consciente e correcta da situação.

Não pudemos realmente evitar maiores desastres a nível nacional? Diríamos que, por não possuirmos uma ideia exacta da situação, os nossos esforços foram mais demorados. A representação da situação que nos era fornecida era também, por outro lado, falsa .Fora o que, julgamos, teríamos encarado mais sèriamente a necessidade de controle rápido do País. Mas não esqueçamos que os esforços da Ponta Leste começaram desde Março de 79.

Registamos assim consolidação dos nossos pontos fortes e, por parte do inimigo, aumento e agudização dos seus pontos fracos. Isso tudo não aconteceu por acaso. Isso tudo foi obra da resistência do Povo Maubere. Não foi simplesmente efeito da nossa resistência no mato, tenhamos isso sempre presente. A nossa existência é determinante, na verdade, como condição necessária para imprimirmos maior impulso à luta armada. Porém, a obra gigantesca da heróica resistência contra a ocupação estrangeira da nossa pátria é patrimônio sagrado de todo o povo. Uma guerra revolucionária é uma guerra do Povo. Estes 2 anos provaram-nos mais categoricamente esta afirmação. Devemos portanto, estar convencidos, como ideia central, de que seriamos simplesmente inoperantes sem a participação das massas patrióticas de Timor Leste. Esta é a verdade e não podemos fugir a ela, se o fizermos, corremos o risco de, tarde ou cedo, ser abafados pelo imperialismo. Acabámos de falar da guerra.

Pois bem, estamos presentes la. Conferência Nacional para a criação do Partido. Assim, a questão que se põe hoje não é nova. Após a histórica reunião de Iliomar, todos nós sentimo-la no dia-a-dia. Todos vivemo-la no nosso corpo, no nosso sangue e no nosso pensamento. Seremos capazes de manter içada a bandeira da revolução agora e depois da guerra? É uma pergunta pertinente. É uma pergunta que o Povo Maubere nos põe, a nós, aos seus verdadeiros filhos, aos seus servidores. O Povo Maubere espera e pede que nós respondamos a esta pergunta. Pois, nós adiantamos com a resposta e afirmamos convictos, alto e bom som de que somos capazes. O querido e heróico Povo Maubere pode estar garantido de que este punhado dos seus filhos não negará o sangue generoso que correu sobre o manto da nossa pátria. Que este punhado de seus filhos não trairá os imensos sacrifícios consentidos por um povo na luta pela sua libertação.

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

Dissemos - Organização do Partido -.Não estamos reunidos para elaborar uma disposição legal criando o partido. O nosso partido não se cria por Decretos-Lei. Estamos aqui para responder às aspirações mais profunda do nosso povo. Estamos aqui para garantir a continuidade da revolução. O nosso partido nasceu do sangue da revolução. O nosso partido forjou-se na têmpera da luta. O nosso partido consolidou-se na consciência do Povo Maubere. Vamos ver as seguintes questões. Porquê o Partido? E porquê partido marxista-leninista? Pois, em traços gerais, só um partido e só um partido revolucionário guiado pela teoria cientifica do marxismo-leninismo como organização de vanguarda pode manter ao alto o estandarte da libertação. Só um partido marxista-leninista pode garantir ao povo Maubere, as bases sólidas para o prosseguimento da sua libertação total e completa, pela garantia da paz e do progresso, pelo seu desenvolvimento económico, sócio-cultural e político; pela edificação de uma sociedade nova e liberta de todas as formas de dominação e exploração do homem pelo homem.

Em 3 anos de base de apoio, a par da resistência armada contra a ocupação estrangeira da nossa pátria, o nosso trabalho político desenvolveu-se no sentido de criar condições para o povo tomar o poder. Esta forma de governo a que chamamos "ditadura democrática e popular" ou "democracia nova" é a materialização do princípio básico do marxismo que é a "ditadura do proletariado". No texto que se vai ler, expomos gradativamente questões de princípio para compreendermos agora a necessidade da criação do partido marxista-leninista Fretilin, enquanto força núcleo que impulsionará as nossas actividades, enquanto luz que guiará o povo Maubere na senda da revolução.

Há outra questão importante. Nenhum de nós deve ter medo de dizer que não quer filiar-se no partido porque não se exige nem se obriga ninguém, sob a lei da prisão, a comprometer-se com o partido. O nosso compromisso com o partido é através da nossa prática,como critério da verdade. Prática dirigida necessàriamente pela teoria científica do marxismo-leninismo. Nenhum de nós deve pensar que se não entrar no partido, chamam-no ou apontam-no de de reaccionário ou traidor. Ou se não se filia no partido, alguém vá qualificá-lo de oportunista ou cobarde. Não se pede favores a ninguém. Ninguém deve sentir-se levado pela onda, subjugado pela tendência de aparentar ser o que não é e desejar o que não quer.

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

Só a plena voluntariedade é que regulará a nossa decisão de militarmos no partido revolucionário que vai dirigir o povo Maubere na grandiosa tarefa de construção de uma sociedade nova e próspera em Timor Leste como contribuição necessária e recíproca para a salvação da Humanidade.

Organizarmos o partido significa que nos vamos organizar depois de 2 anos de descontrole e de desorganização. Organizarmos o partido significa que vamos atender e responder às exisgências actuais da luta como ponto de partida para uma nova escalada na resistência armada e, organizarmos o partido significa, sobretudo, lançar as pedras angulares para o prosseguimento consequente da revolução Maubere.

Toda a revolução está repleta de aspectos favoráveis e desfavoráveis, de particularidades negativas e positivas. É a luta com avanços e recuos, com vitórias e insucessos, com saltos e regressões, com distorções e desvios. A nós, revolucionários, cabe situarmo-nos dentro de cada situação concreta. Lutar, fracassar; Lutar de novc, fracassar; tornar a lutar até alcançar a vitória. Este deve ser o nosso espírito de combate, sem esquecer, para depois da vitória nos prepararmos sempre para a consolidar.

Aqui apresenta-se mais outra questão necessária, debates ideológicos para garantirmos um pensamento comum e uma linguagem comum. Sem esta luta intensa, não só não avançaremos como o partido ficará doente, não terá vida e não teria razão de existir. Enfrentemos com coragem as nossas deficiências, enfrentemos com coragem as nossas apreensões e os nossos receios. Um Comunista é um lutador e nós somos lutadores. Já começámos, e com a luta interna e intensa, o partido terá uma unidade e uma força combativa capaz de remover os obstáculos. Um ponto importante que constituia a contradição fundamental da nossa revolução, e ainda mais agora, é a nossa capacidade subjectiva de Comando ou direcção em confronto com as exisgências da luta. Nós afirmamos que, para agirmos correctamente, é necessário compenetrarmo-nos profundamente da situação. Investigar, analisar significa conhecer os aspectos e particularidades dos dois campos de uma contradição e procurar a solução para essa contradição ou problema. Porém, se não temos um método de pensamento que nos permita discutir, pela reflexão sistemática e aturada dos condicionalismos e aspectos que regem o fenómeno em luta, não seremos capazes de qualquer acção. Não é porque nos falte um móbil ou motivação necessária, mas porque nos falta a luz. Sem essa luz, agiremos compelidos a

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

E essa luz é o conhecimento da teoria, sendo que esse conhecimento deve ser profundo e não, solto, pela aquisição superficial de citações dos grandes mestres da revolução.

Conhecimento da teoria não é sinónimo de usufruto individual e negativo, fechado, egoísta da teoria. Mas implica a sua aplicação na luta; implica o desejo de ajudar os outros a progredir e implica ainda e principalmente desenvolvimento dinâmico da nossa prática revolucionária em situações concretas e sempre difíceis da luta.

Aprender, aprender sempre, aprender nos livros e aprender uns com os outros. O egoísmo, o espírito de competição, a tendência a discussões fáceis e vazias constituem o produto da nossa situação de classe anterior. Vamos quebrar o espírito fechado de auto-isolamento que se revela na tendência perniciosa de agarrarmos os nossos conhecimentos, de partirmos para as discussões com o objectivo de defender radicalmente os nossos pontos de vista como os mais seguros. E não sermos suficientemente sinceros na aprendizagem com os outros. Aprender sempre, aprender nos livros e aprender com os outros como condição para desenvolvermos bem os nossos trabalhos.

O instrumento do nosso trabalho é a teoria científica do marxismo-leninismo, com o nosso esforço comum não só no sentido de assimilar como ainda de transmitir com solidariedade e receber corajosa e sinceramente dos outros,conhecimentos necessários para nos capacitarmos a cumprir na prática e abnegadamente o nosso dever para com a pátria, para com o povo e para com a revolução. Vamos superar a falta da escola de Quadros muito necessária e tão sentida desde a Base de Apoio, a falta de livros, a falta de condições, impostas pela guerra e, nesta situação concreta, impõe-se como dever do Bureau Político do Comité Central do Partido, recolher todos os livros e apontamentos existentes para retirar dali os princípios básicos que regem a nossa acção revolucionária. Definir os conceitos acessórios e complementares da aplicação dos princípios e métodos de luta da nossa acção numa súmula inicial que permitirá, nestas condições de guerra, abalançarmo-nos a alargar a nossa visão para a compreensão e assimilação do objectivo estratégico que prosseguimosa partir do conhecimento das realidades do nosso País. É também dever do bureau político do Comité Central do Partido, apoiar o departamento de Defesa Nacional a elaborar o programa político como guia do militante acessível às Forças para a educação ideológica profunda das Falintil, servindo também como guia para os militantes de base.

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

O lema do nosso partido é "Unidade e Acção". Unidade monolítica de princípios que só se consegue a partir da interiorização contínua, sem cessar, e sobretudo, pela prática consequente. Unidade forjada no uso construtivo, permanente, franco e severo da crítica e autocrítica como a principal arma do partido. Unidade baseada não só na camaradagem,mas de irmãos e companheiros de luta, solidários nos sofrimentos e nos sucessos, nas vicissitudes e nas alegrias que compõem a luta intensa do partido. Unidade consolidada pela aplicação de uma disciplina de ferro.,Como condição para fortalecer sempre e cada vez mais a Organização.

Vamos quebrar com coragem todas as sobrevivências pequeno-burguesas que adoentaram a direcção da luta desde o Comité Central da Fretilin,com reflexo na direcção média e inferior cujos resultados verificámos ao longo da luta.

Lembrar a cada momento da nossa origem e situação anterior de classe, mas fazer isso não significa nem pode servir de suporte para justificarmos as nossas práticas incorrectas. A revolução é um longo processo, mas um processo de contínuo desenvolvimento e porque não é uma obra acabada e simples, a luta entre o novo e o velho, a luta entre a situação de hoje e a situação de amanhã, a luta entre o atraso e o progresso, a luta entre o estado actual e o estado futuro têm que continuar sem cessar. O mesmo acontece no domínio das mentalidades e situa-se também no campo prático das nossas actividades. Queremos dizer com isso que recordar constantemente a nossa situação anterior de classe significa educação de nós mesmos como alerta para o combate intenso e permanente no campo do pensamento e da acção e significa também desejo de progredir. No âmbito da mentalidade, queremos chamar a atenção sobre um aspecto predominante que ainda não conseguimos quebrar totalmente é o subjectivismo. Subjectivismo que se revela na apreciação simplista e superficial dos problemas. Subjectivismo que resulta da auto-satisfação e que nos desvia para a tendência de esperar que as coisas aconteçam sem lhes imprimirmos esforços cada vez maiores na materialização dos nossos planos e intenções. Subjectivismo ainda que impede ou dificulta compenetrar-nos suficientemente dos problemas na sua essência.

Acção é luta. Acção na prática intensa,observando o princípio regulador do centralismo democrático. Acção através da direcção colectiva. Acção vivida na democracia revolucionária.

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

Sobre estes princípios do partido, debateremos profundamente nesta Conferência. Acção sem temer sacrifícios na entrega total de nós próprios em quaisquer circunstâncias da nossa vida e na defesa, sem vacilações, dos nossos princípios. Acção, principalmente, na tomada de responsabilidade. Devemos cumprir os nossos deveres com consciência e abnegação sem medidas. Devemos ser, sobretudo, bons servidores do povo Maubere. Devemos esquecer de nós mesmos para servir o partido.

Somos trabalhadores, trabalhadores revolucionários que defendem um ideal justo, um ideal supremo, o de salvar a humanidade, salvando o nosso povo. É, por isso, que somos comunistas. É este dever, o laço sagrado que nos une a todos os verdadeiros comunistas do mundo inteiro em qualquer latitude. Do país mais povoado ao menos denso; da ilha mais pequena ao maior continente; tanto num país subdesenvolvido como no mais avançado; num país socialista ou capitalista, todos os verdadeiros marxistas-leninistas estão unidos por um ideal único e sagrado, por um ideal belo e radioso. Nós sentimos honra de fazermos parte deste grande movimento que içou também no nosso país o estandarte da salvação da humanidade.

E, nessa marcha, que queremos exactamente fazer para contribuir para isso? Vamos começar por libertar a nossa pátria, consolidando assim a nossa independência nacional. Vamos aqui, nesta Conferência, organizar o partido em 1º lugar, após o que traçaremos as tarefas concretas e necessárias para fazermos avançar a luta em todos os aspectos. Reorganizar o país como uma necessidade para definirmos os raios de acção que cabem a cada um de nós, definindo as tarefas da Frente. O conselho superior de Luta vai reorganizar as Falintil, indicar as tarefas concretas e as formas de actuação. Ao partido caberá o papel dirigente da luta. A todos nós, Quadros e militantes, impõe-se o dever de estabelecer e consolidar estreitos laços no plano interno, dentro do partido e do partido com as massas. A todos impõe-se também o dever de ampliar, chamando para o partido os trabalhadores e os camponeses e todos aqueles que participem activa e conscientemente na Revolução.

A 1a. tarefa é: - Organizemos o povo Maubere para a luta. A Frente Revolucionária de Timor Leste Independente Fretilin é a União do Partido com

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

as largas massas trabalhadoras de Timor Leste e cumpre-lhe o dever de organizar o povo Maubere, alargar a sua acção e chamar, em torno de si, os verdadeiros patriotas e mobilizá-los para a luta.

A 2a. tarefa é: - Ampliemos a Organização da Frente. A Frente, definimo-la como um movimento que engloba todos os Nacionalistas e patriotas de Timor Leste sem distinção de raça, credo e ideologia desde que em pensamento e acção e, sob as mais diversas formas, repudiem enérgicamente a ocupação estrangeira da nossa pátria e contribuam para a expulsão do colonialismo javanês.

Neste campo, devemos combater, com audácia, o espírito de auto-isolamento reflectido no radicalismo de marginalização com referência aos elementos politicamente estranhos. Devemos banir esta tendência errónea sem o qual não saberemos colocar na prática a Frente e o Partido. Muitos foram os nossos erros neste sentido, por influência de se pensar que todo o cidadão de Timor Leste tem que pertencer ao Partido. Isto trouxe-nos certo atraso na luta e, embora se pudesse explicar com a indefinição do Poder e do Partido, não podemos negar muitas acções dogmáticas no período das Bases Vermelhas. Colocávamos o estratégico no táctico e desconhecíamos ou rejeitávamos alianças tácticas necessárias.

A Frente é a unidade dialética da Revolução, unidade de todos os nacionalistas para o combate ao inimigo comum e crítica constante, sem vacilações, no objectivo de fazer prevalecer os interesses da maioria, isto é, os interesses do Povo. Só a Frente terá capacidade de poder mobilizar todas as forças potenciais para a luta de libertação nacional. Acumular condições para vencer o inimigo significa ampliar a organização da Frente.

A 3a. tarefa é - Disseminemos as forças vivas do inimigo.

Assim como fomos radicais na questão da Frente, também agimos erradamente no que respeita ao aproveitamento e à participação na luta de elementos servindo o inimigo. Se nestes dois anos apreciámos uma melhoria neste domínio que nos permitiu uma visão um tanto ou quanto ampla das nossas capacidades, o resultado ainda não é satisfatório. As condições favoráveis de trabalho afiguram-se-nos em diversos graus. O que temos feito, como iniciação, já foi bom mas a luta pede maior atenção e maior esforço nesta actividade.

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

Disseminar as forças vivas do inimigo significa aumentar os nossos pontos fortes e é, na mesma medida, aumentar os pontos fracos do inimigo, que resultará na incapacidade cada vez maior, no campo militar, do adverssário.

A 4a. tarefa é: - Ataquemos constantemente o inimigo com o objectivo de o exterminar. Para as Falintil a palavra de ordem é: atacar constantemente o inimigo com coragem e sacrifício para libertarmos a Pátria.

O Estado Maior General deve desempenhar cabalmente o seu papel de comando; deve esforçar-se por fazer aplicar correctamente os princípios de guerra revolucinária específica a Timor Leste; deve esforçar-se por ser um comando real, activo dinâmico e pleno de iniciativa com permanente consciência de luta, do todo e nas partes.

Os comandos subalternos devem cumprir com afinco as decisões do comando superior; devem sempre, em qualquer circunstância, sobrepôr os interesses do todo e vencer com coragem e decididamente todas as tendências perniciosas que nos conduzem a visões parciais da luta. A disciplina deve ser melhor compreendida e assumida por todos, a partir dos comandantes. Só uma participação activa dos comandos subalternos garantirá a eficácia, na condução da nossa guerra. Constitui também um ponto primordial, o assimilação críticae profunda dos princípios da guerra revolucinária aplicáveis a Timor Leste por todos os comandantes e Quadros de todos os escalões. Só assim é que conseguiremos um pensamento comum e uma linguagem comum, tanto mais necessários quanto mais se trate de conduzirmos a nossa guerra, tão difícil e tão dura, exigindo-nos, para além das nossas capacidades subjectivas.

Pois então, nós estamos aqui reunidos para isso: Reorganizar a direcção de luta, reorganizar as Falintil, reorganizar o País, analisar a conjuntura actual a nível mundial e a nível da área, e a nível interno ter em conta os aspectos e particularidades no campo político, militar e económico do inimigo e as nossas próprias condições politicas, militares e económicas; ter em conta, a situação interna e externa do inimigo e a nossa situação interna e externa e, do mesmo modo, a relação entre si. Fazer uma análise crítica e retrospectiva das nossas acções, dos avanços e recuos, das perdas e dos ganhos, dos sucessos e das derrotas, de carácter subjectivo ou real, em todos os domínios e nos dois campos em confronto. Só assim podere-

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

mos afirmar que da sintetização da prática anterior, no todo e nas partes, emendaremos as falhas, e melhoraremos as experiências positivas; só assim também é que podemos definir os nossos métodos de acção, os nossos métodos de combate, porque

Resistir é vencer!
Pátria ou morte!
A luta continua!

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

ACTA DA 1a. CONFERÊNCIA NACIONAL

Com início no 1º de Março de 1981, a Conferência contou com a presença de 59 Quadros Médios vindos de todas as regiões: Ponta Leste, Centro e Fronteira.

A Conferência foi orientada pelo Comité Político do Comité Central da FRETILIN constituído pelos membros sobreviventes do C.C.F. e coadjuvados por dois Quadros Médios.

CONSTITUIÇÃO DA MESA:

Presidente da Conferência - Kay Rala Xanana Gusmão, membro sobrevivente do C.C.F.

Vogais: Mau Hunu Bulerek Karataianu, membro sobrevivente do C.C.F.
Bere Malae Laka - Quadro Médio.

Secretário da Conferência: Mau Hodu Ran Kadalak - Quadro Médio

ABERTURA DA CONFERÊNCIA

- A Conferência foi aberta com o Hino da Revolução do Povo Maubere - - FOHO RAMELAU, e o Hino Nacional - PÁTRIA, PÁTRIA. A seguir, o camarada Presidente da Conferência leu o discurso de abertura focando, essencialmente as seguintes questões:

1 - Necessidade de Reorganizar o País

2 - Necessidade de tomar consciência e corrigiros erros passados.

3 - Necessidade da Criação do Partido.

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

SESSÃO PRIMEIRA - Domingo, 1 de Março de 1981

- ORGANIZAÇÃO DO PARTIDO

Discurso de abertura pelo Presidente da Conferência. A seguir, fez-se a leitura do texto "Pátria e Revolução", texto preparado para a 1a.Conferência Nacional de Organização do Partido tendo por objectivo principal falar sobre a necessidade da criação do Partido; a definição do Poder e do Partido; as suas respectivas estruturas e mútuas relações. Este texto é indispensável para a compreensão do processo Revolucionário geral de Timor Leste em si e, situado dentro do Processo Revolucionário Mundial das Lutas de Libertação Nacional dos povos oprimidos e explorados, contra o imperialismo e pela construção de uma nova sociedade. Para permitir uma melhor e integral compreensão do texto, foram explanados vários conceitos.

SESSÃO SEGUNDA - Segunda-Feira, 2 de Março de 1981

Continuação da explanação de conceitos para a compreensão do texto. Grande participação da Assembleia, pondo dúvidas levantando questões e participando nas discussões, na busca da verdade, no desejo sincero de aprender uns com os outros sem complexos mesquinhos que entravam o processo da Criação, no espírito de ajuda mútua entre indivíduos que lutam pelos mesmos objectivos de servir melhor a Luta e a Revolução.

SESSÃO TERCEIRA - Terça-Feira, 3 de Março de 1981

6h40m - Ratificação, por unanimidade e aclamação da eleição presidencial do Partido e da RDTL . A eleição foi feita pelo Comité Político do C.C.F.

7horas- Hora local de Timor Leste. Momento de alto significado histórico e solene de criação do Partido Marxista-Leninista FRETILIN. O camarada Presidente da Conferênciaanunciou com voz comovida a sua Criação e a Assembleia, como que impelida por uma mola, pôs-se em pé, aclamando com aplausos o acontecimento e respondendo com entusiasmo e calor às palavras de ordem lançadas.

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

Viva a grande Frente Geral Anti-imperialista!

Viva a Revolução Mundial!

Viva a justa luta de todos os Povos oprimidos do mundo!

Viva a militância internacionalista!

Viva o Partido Marxista-Leninista FRETILIN!

A seguir, fez-se a leitura do Programa Político do Partido, Mínimo e Vasto, e do Estatuto Orgânico que, depois de discutidos, foram aprovados. Leu-se e discutiu-se também o programa da Frente que ficou também aprovado.

Eleição de novos membros do Comité Central do Partido, eleição democrática, livre e consciente, em escrutinio livre e secreto.

A Comissão Eleitoral constituida pelo Comité Político e 2 Quadros Médios da escolha do Comité Político, tendo-se, os outros 2 camaradasque participavam na Mesa, retirado para Assembleia. Antes do Acto, a Comissão Eleitoral apresentou a todos os presentes uma lista de 16 camaradas que, dentro da decisão do Comité Político, reuniam as necessárias e suficientes condições, do ponto de vista de boa assimilação teórica da linha e sua prática consequente demonstrada na Luta. Todos os militantes iriam escolher, de entre esses 16 camaradas, aqueles que, no seu pensar, reunem as condições suficientes e necessárias para fazer parte dos melhores filhos entre os melhores da nossa terra, em número variável do critério de cada um. Foi também feita a apreciação crítica de cada um do ponto de vista da assimilação da teoria e prática consequente e qualidades que lhes possam permitir desenvolver-se futuramente. A apreciação foi individual de modo a permitir a cada um fazer uma ideia sobre cada candidato e, livre, conscientemente e sem compromissos, cada camarada votou silenciosamente no papel branco que lhe foi distribuído e cada um foi depositar o seu voto nas urnas. O número total dos votantes era de 61.

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

RESULTADOS:

De entre os 16 candidatos, o Comitê Político, escolheu 9 camaradas, os que reuniram o maior número de votos para constituirem o novo Comitê Central. No Partido, não há postos nem cadeiras, há sim, tarefas grandes ou pequenas que são dadas a cumprir a cada militante conforme as suas capacidades. Assim, cabe aos melhores filhos da nossa terra, a pesada tarefa de dirigir a luta. O número escolhido foi para responder às exigências de momento.

Assim ficou:

1. Mau Hodu Ran Kadalak - 59 votos
2. Bere Malae Laka - 54 votos
3. Kilik Wae Gae - 48 votos
4. Sakin Nere Ulas Timor Lemo Rai - 45 votos
5. Nelo Kadomi Timur - 34 votos
6. Lere Timur Anan - 34 votos
7. Mauk Moruk Teki Timur Ran Nakali Lemo Rai - 33 votos
8. Holi Naha - 33 votos
9. Hari Nere - 29 votos

Estes são os companheiros que vão constituir o Comitê Central do Partido conjuntamente com os dois membros sobreviventes do C.C.F. no plano interno.

A todos os eleitos, pela vontade da maioria, de entre os melhores filhos da nossa terra, o Comitê Político do Comitê Central da Fretilin que, a partir dali, cessou as suas funções e deixou de existir, apresentou a todos os membros do Comitê Central do Partido as suas maiores felicitações, fazendo votos para que tenham bons sucessos nas pesadas tarefas que o Partido, em representação do Povo de Timor Leste, pôs sobre os seus ombros para dirigirem a sua heróica luta e os destinos da Pátria. Uma ovação acolheu a entrada dos novos membros do Comitê Central do Partido.

Pelas 15 horas, hora local de Timor Leste, os novos membros prestaram o seu juramento, nos termos do Estatuto Orgânico, de lutarem pela defesa intransigente dos interesses do Povo e da Nação e de se esforçarem pelo pleno cumprimento dos deveres.

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

Eleição do Comissário Político Nacional e Comandante-em-Chefe das Falintil que, por causa da ausência temporária do Secretário-Geral do Partido, assume também as suas funções, respondendo pelo Partido no plano interno.

Apresentação dos candidatos:

a) Porque nenhum Orgão com essa capacidade tinha sido ainda constituído, cabia ao Comité Central do Partido apresentar os candidatos.

b) Porque nenhum dos novos membros do Comité Central reuniam as seguintes condições:

- Experiência de direcção num Orgão Central e Superior.
- Idoneidade política em grau necessário e suficiente, pois tinham saído há pouco do escalão médio.

Assim, foram apresentados os dois membros sobreviventes do Comité Central da FRETILIN que reuniam as condições acima, pela longa experiência que adquiriram como membros do C.C.F. ao longo dos 5 anos de luta e a testada na prática a sua idoneidade política que nos garante confiança política e sua firmeza de princípios e posições.

c) O Comité Central do Partido reuniu-se com excepção dos candidatos e escolheu uma Comissão Eleitoral.

d) A fim de permitir uma escolha verdadeiramente livre e consciente, a Comissão Eleitoral fez uma apreciação crítica de cada um dos candidatos que, a seguir, vamos resumir:

1 - Mau Hunu Bulerek Karataianu

Um dos fundadores da ASDT/FRETILIN e membro do Comité Central da FRETILIN desenvolveu actividades de agitação das massas desde 20 de Maio de 1974 e, depois de 20 de Agosto, esteve a trabalhar no Departamento de Administração Interna e Segurança. Já na invasão, desempenhou as actividades como Comandante de Zona nos Centros donde foi transferido para a Ponta Leste e onde esteve como Vice-Secretário do Comité Regional, depois, Comandante de Sector e, mais tarde, adjunto do Comissariado.

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

Nesta fase, como Adjunto e últimamente como membro do Comité Político. Possui um bom grau de assimilação teórica e interiorização da Linha e tem bom grau cultural, o que lhe permite desenvolver-se, mais tarde, com a vontade de aprender que ele tem. Na prática, demonstrou ter boa capacidade de organização, espírito de iniciativa, disciplina e abnegação. É muito honesto e franco, sincero e aberto, além de humilde, possui uma grande potencialidade revolucionária.

2 - Kay Rala Xanana Gusmão

Operário de construção civil, militante da ASDT/FRETILIN desenvolveu actividades de informação e, depois do contra-golpe revolucionário, esteve a trabalhar no Departamento de Informação como membro do C.C.F.. Depois da invasão, esteve a comandar um pelotão das Falintil, passando mais tarde para o Centro Leste onde esteve desempenhando funções de Vice-Secretário do Comité Regional. Depois, como Adjunto do Comissariado, respondeu pela base HAKSOLOK - base leste do Centro Leste vindo posteriormente a fazer parte da Direcção Superior do Sector Ponta Leste como adjunto. No início desta fase, esteve a responder por este Sector - Ponta Leste - como responsável principal passando, em Maio de 1980, aos Sectores Centrais onde ficou a desempenhar provisóriamente as funções de Comandante-em-Chefe das Falintil respondendo pelo Comando Nacional. Foi o projector da Criação do Partido, da Reorganização do País e das Falintil. É o autor dos textos "Pátria e Revolução" e "Temática da Guerra", textos fundamentais para a compreensão do Processo Revolucionário da Luta de Libertação Nacional específica à situação da nossa Pátria. Possui uma grande capacidade teórica em grau muito elevado e profunda interiorização de Linha bem como uma elevada capacidade intelectual e cultural. A sua participação ao longo da luta demonstrou possuir uma larga visão dos problemas nacionais e uma grande capacidade de organização e iniciativa. Espírito de disciplina e abnegação. Honesto franco e sincero; aberto, humilde e muito sacrificado, possui uma grande potencialidade de aprender e ensinar.

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

e) O processo das eleições foi o mesmo que o da eleição dos membros do C.C
Eleição democrática, consciente e sem compromissos, em escrutinio livre
e secreto.

Resultado:

A Comissão eleitoral depois da contagem dos votos anunciou os resultados às 18 horas - hora local de Timor Leste.

O Camarada Kay Rala Xanana Gusmão foi eleito, 57 votos e nenhum contra entre 57 votantes, Comissário Politico Nacional e Comandante-em-Chefe das Falinti As nossas maissinceras felicitações. Votos de uma longa vida e muitos bons sucessos no trabalho. A Assembleia em pé aclamou numa ovação de alegria e confiança o resultado sem dúvida nenhuma justo. Os membros do C.C. do Partido e membros do Partido levantaram-se com voz comovida mas que não podia esconder a sua alegria e satisfação e voltaram a afirmar mais uma vez a sua total e completa confiança no novo Comissário Politico agradeceu as palavras a todos e jurou que lutaria com toda as suas forças para desempenhar cabalmente a grande tarefa que lhe foi confiada, expressando também a sua confiança a todos os membros do Partido.

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

A estes actos de profundo significado, seguiu-se o juramento solene do Comissário Político Nacional perante a Comissão Eleitoral e perante o Partido.

O dia 3 de Março ficou, assim para sempre, inesquecivel na história da nossa Pátriacomo a data de Criação e Constituição do Partido Marxista-Leninista Fretilin. Foi inequivocamente o dia de maior solenidade de toda a Conferência, pois só neste dia além da Criação do Partido se deu:

ratificação de eleição Presidencial do Partido e da RDTL feita pelo Comité Político do C.C.F.;

eleição de novos membros do C.C. do Partido;

eleição do Comissário Político Nacional.

Viva o Partido Marxista-Leninista FRETILIN!

Viva o glorioso inesquecível e histórico 3 de Março de 1981:

SESSÃO QUARTA - Quarta-Feira,4 de Março de 1981

Os Departamentos criados são os necessários para responder às actuais exigências da Luta.

NOMEAÇÕES

Responsáveis dos Departamentos:

Departamento de Organização, Planeamento e Investigação - (D.O.P.I.) - SECRETÁRIO - Kay Rala Xanana Gusmão

Departamento de Informação, Agitação e Propaganda - (D.I.A.P.)
SECRETÁRIO - Bere Malae Laka

Departamento das Relações Externas - (D.R.E.)
SECRETÁRIO - Mari Alkatiri

Departamento de Defesa Nacional - (D.D.N.)
SECRETÁRIO - Comissário Político Nacional por acumulação

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

Secretariado - SECRETÁRIO - Mari Nere

Comissários Políticos e Secretários dos Comités Regionais:

Mau Hunu Bolerek Karataianu

Sakin Nere Ulas Timur Lemo Rai

Lere Timur Anan

Comissário Político da Brigada Vermelha:

Mau Hodu Ran Kadalak

Comissário Político adjunto ao Comissário Político Nacional:

Holy Natcha

ESTADO MAIOR DAS FALINTIL

Chefe do Estado Maior:

Kilik Waé Gae

Sub-Chefe do Estado Maior:

Nelo Kadomi Timur

1º Comandante da Brigada Vermelha:

Mau Moruk Teky Timur Ran Nakali Lemo Rai

REORGANIZAÇÃO DO PAÍS

ANÁLISE DA SITUAÇÃO

Fez-se uma análise da situação mundial, da área em que estamos inseridos e da Indonésia. A situação nacional foi objecto de estudo mais profundo nos múltiplos aspectos que compõem a nossa guerra de Resistência que não é mais que um destacamento armado da gigantesca frente contra o imperialismo, o maior inimigo dos povos. Nós venceremos o imperialismo e seus lacaios do governo títere de Jakarta. Esta é a roda da História. Ela não voltará para trás, pois a sua marcha é irreversível.

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

CONSIDERAÇÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA DE 2 ANOS

a) Estes dois anos representaram para nós uma valiosa e rica experiência adquirida na escola da prática, no trabalho da mobilização e organização das massas. Fomos contactar com a sua determinação inabalável de continuar a luta, com o seu ódio feroz ao ocupante colonialista. Bebemos dessa fonte inesgotável de saber, de decisão e determinação. Aprendemos com o seu espírito criador e saímos com mais força ainda, com as energias duplicadas e mais determinados para continuar a luta até às últimas consequências. Vimos comandantes, combatentes quebrarem corajosamente a sua couraça militar que os impedia de verem o conjunto; vimo-los participarem em trabalhos políticos de mobilização e organização das massas que os transformaram mais rápidamente que os esclarecimentos todos das Bases Vermelhas. Aprendemos novas formas de luta, novos métodos de trabalho, novas tácticas que o nosso Povo nos ensinou. Experimentámo-las, melhorámo-las, aperfeiçoámo-las e assim fomos avançando constantemente.

b) Quebrámos com o regionalismo, rompemos com as barreiras que nos separavam uns dos outros pois cada um só detinha ideia da sua parte, isolada do conjunto. Por mais que se esforçava, não se podia avançar, tal como um carro desconjuntado, mesmo que tenha o motor a trabalhar, não pode andar. Assim, fomos em busca um do outro. As barreiras da língua e do desconhecimento do terreno, outrora intransponíveis, se bem que dificultaram grandemente, não nos impediram. Assim, ganhámos uma consciência verdadeiramente nacional, mais elevada e profunda, e consciência dos nossos problemas nacionais, consciência de que fazemos parte de um todo, e sem nos organizarmos, sem sobrepormos os problemas nacionais aos da parte, não podemos avançar, não podemos ganhar a guerra.

c) Muitos militantes, que outrora só confiavam na força das armas e sobrepunham o fusil à política souberam quebrar corajosamente com o couraçado dentro do qual estavam herméticamente fechados e a exagerada confiança na força das armas foi substituída pela inabalável confiança na força das massas. Mas, este mal ainda existe e, para o seu combate, exige maiores esforços e maior coragem no reconhecimento dos erros e limitações de cada um no saber corrigir-se.

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

d) No campo militar, realizámos mais operações e aniquilamentos do que nas Bases Vermelhas, permitindo-nos adquirir uma rica experiência que nos permitirá ver as falhas e corrigi-las; melhorar e aperfeiçoar os progressos obtidos e, assim, garantir maiores sucessos para o futuro. Nem tudo foi sucesso; nem tudo foi vitória. Também sofremos amargas derrotas que nos serviram de lição para melhorar a nossa prática futura. A questão é saber reconhecer, ter a coragem de aprender e corrigir os erros e as falhas para melhor combater, pois só assim poderemos cumprir bem e bem servir.

e) No campo económico, soubemos descobrir novas formas de vida, novos métodos de preparação de rações, novas formas de armazenamento e conservação. Conhecemos melhor a nossa Pátria e as suas potencialidades e os seus inesgotáveis recursos naturais.

f) Mas, nem tudo foi como queríamos, conforme os nossos desejos. O oportunismo, a falta de responsabilidade, a falta de segredo e indisciplina que provocaram o desmantelamento das nossas organizações clandestinas e a morte e o degredo de muitos patriotas foram experiências amargas que tivemos.

ACTIVIDADES E FORMAS DE EXECUÇÃO

Para pôr em prática e aplicar, de forma dinâmica e criadora, as palavras de ordem do Partido é indispensável que tenhamos bem presente em cada momento da nossa luta a consciência das nossas realidades e das nossas responsabilidades. Mas tudo o que for possível fazer para derrotar o inimigo e fazer avançar a luta devemos fazê-lo com decisão, determinação e coragem. Assim, ponhamos em prática as palavras de ordem do nosso Partido.

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

a) Mobilização integral do Povo para a Resistência

É o Povo quem faz a História e a guerra é uma guerra revolucionária popular e chamamo-la por guerra de guerrilha porque é um assunto do povo e, sem o povo, nós não seríamos nada. Nós seríamos uns desgraçados condenados à derrota. Sem o Povo, sem a participação da população na luta, as nossas acções militares estariam condenadas ao fracasso e, se alguma tiver a sorte de bem suceder será um sucesso isolado que não poderá representar mais que um beliscão no inimigo. Assim, mobilizamos as massas, organizamo-las política e militarmente, não só para fornecer informações e apoio material e económico, mas principalmente, para lutar, para agarrar em armas, para matar o inimigo e libertar a sua terra. Mais determinados, devemos combater o aventureirismo, as pressas infustificadas e os actos irreflectidos mas, quando há condições, actuar sem medo, com decisão e valentia.

b) Disseminação das forças vivas do inimigo.

Que tal, se numa vila tivessemos uma secção de Hansips ou um pelotão de Hansips ou alguns tentaras que sejam nossos e estejam dispostos a lutar contra a ocupação colonial estrangeira? E, se tivessemos isso na maior parte das nossas vilas, diríamos que já temos a vitória garantida. Então, um dos nossos esforços deve ser este - disseminar as forças vivas do inimigo. Esta é uma das tarefas principais para os nossos militantes das organizações clandestinas porque, a nós, que estamos no mato, é-nos difícil fazermos isso. Devemos preparar bem os militantes na clandestinidade. Preparar a nossa população para fazer esse trabalho porque, sem isso não poderíamos mobilizar total, integral e completamente a população, pois os Hansips, os tentares são também parte da população de Timor Leste, se bem que estejam ao trabalho do inimigo. Mandar panfletos, cartas, bilhetes, a falar da nossa luta a esses irmãos falhados, despertar-lhes a consciência patriótica e recuperá-los. Fazer panfletos e deixar no mato, nos nossos acampamentos abandonados, etc. Procurar utilizar todos os meios, mas principalmente preparar a nossa população, mobilizar as massas para fazer esses trabalhos. Procurar também todos os meios para conquistar a simpatia dos soldados javaneses, levá-los para o nosso lado e pô-los ao nosso serviço.

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

Assim, transformaremos a força do inimigo, o seu poderio real num poderio aparente e numa fraqueza real, e a nossa fraqueza aparente numa força real, indomável que esmagará o ocupante da nossa terra. Mas, sermos duros e implacáveis e matar todos aqueles que teimam em continuar ao lado do inimigo.

c) Ampliar a organização da Frente

Combater com firmeza todo o ponto de vista estreito que não quer ter em conta as nossas condições, e nos leva a seguir a política que nos impede de tomar consciência das nossas realidades, de que aquele que é traidor já não pode transformar-se, ou aquele que foi render-se com as armas é traidor. A qualquer pessoa, servindo o inimigo, se ela quiser colaborar connosco para lutar contra a ocupação colonial estrangeira, nós dizemos-lhe: - "As portas da Frente estão abertas, entra e luta" -. A ampliação exige que mobilizemos integralmente as massas, o povo, que disseminemos e desintegremos as forças vivas do inimigo, que abramos as portas da Frente a toda a gente, independentemente da cor, religião e ideologia política, de categoria social, de região, de sexo, sejam Rajah, DPR, Samat, Bupati, Hansip, Tentares, etc., que queira lutar, defender a nossa terra e repudie a ocupação estrangeira. O Partido é nosso, o Partido é a organização política de uma classe, portanto, só admite os indivíduos que pertençam a essa classe, mas a Frente é para toda a gente; é para todo o patriota e nacionalista seja quem for.

d) Aniquilar o inimigo

Esta é a tarefa fundamental, principal, das FALINTIL. Mas, para que as FALINTIL possam cumprir esse seu papel, é necessário organizar as massas para apoiarem as FALINTIL e participarem no combate, para disseminarem as forças vivas do inimigo e ampliarem a organização da Frente. Sem essas condições, falar em aniquilar o inimigo é palavreado vazio, portanto para aniquilar o inimigo é preciso ampliar e para ampliar é preciso disseminar, para disseminar é preciso mobilizar.

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

Por isso mesmo, as tarefas das FALINTIL não são só combater, são também mobilizar e organizar as massas porque, só assim, podemos criar condições para aniquilar o inimigo. Assim, cumpramos e ponhamos em prática as palavras de ordem do Partido para o actualmomento da nossa Luta.

- Mobilização integral do Povo para a luta
- Disseminação das forças vivas do inimigo
- Ampliação da organização da Frente
- Aniquilamento do inimigo

Deste modo, não esqueçemos o que o Camarada Comissário Político Nacional disse: "Mobilizar para disseminar, disseminar para ampliar, ampliar para aniquilar" mas, o cumprimento de todas estas tarefas exige um alto espírito de sacrifício, uma grande responsabilidade e, principalmente, uma disciplina de ferro. Consciente, exigida pela luta, pelos interesses superiores da Nação e ditada pela consciência das pesadas responsabilidades que pesam sobre todos e cada um de nós,desde o responsável máximo da Nação até ao guerrilheiro mais baixo. A falta de uma disciplina de ferro, a falta de responsabilidade, a falta de segredo, a mania das novidades, a mania dos segredinhos já quantas mortes não causaram! Já quantos degredos não provocaram! Já quantas organizações clandestinas não desmantelaram! Tomemos consciência das nossas responsabilidades, combatamos com energia e firmeza a irresponsabilidade, a mania dos segredos e de novidades. Inculquemos na consciência dos combatentes e dos guerrilheiros um alto espírito de responsabilidade para que possa haver uma disciplina de ferro e, assim, o segredo será garantido. Não esqueçamos que a nossa indisciplina torna-nos alvos fáceis das balas assassinas do inimigo. Assim, mobilizemo-nos para organizar, organizemos para mobilizar e disseminemos, ampliemos e, por fim, aniquilemos. Mas, se nos esquecermos de pôr a sentinela que é a disciplina, nada será feito. Assim, pois, cumpramos as palavras de ordem do Partido e voltamos a relembrar as palavras do camarada Comissário Político Nacional - "Mobilizar para disseminar, disseminar para ampliar, am-

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

pliar para aniquilar, mas dentro de uma disciplina de ferro".

RESOLUÇÕES:

I - Divisão Administrativa

a) Região Militar Ponta Leste "FUNU SEI NAFATIN" - a Leste do cordão Baucau/Viqueque.

b) Região Militar Central "NAKROMA" - entre o cordão Baucau/Viqueque e o cordão Dili/Betano.

d) Região Militar Fronteiriça "HACSOLOK" - a oeste do cordão Dili/Betano.

DESIGNAÇÕES:

Cada designação tem o seu conteúdo histórico.

"NAKROMA" - Porque foi aqui, na região Militar Central é que se realizaram todas as reuniões históricas do C.C.F.e a 1a. histórica Conferência Nacional para a Constituição do Partido e a Reorganização do País. Foi aqui que reunimos para buscarmos a luz e sempre foi daqui que irradiámos luz para todo o território.

"HAKSOLOK" - Porque os dois grupos que continuaram firmes sempre tiveram fé e confiança de que outros seus irmãos ainda resistiam, principalmente, no extremo longínquo da ilha - Ponta Leste - e isto constitui a legria e consolação para todos. Por isso, as fronteiras ficaram com a designação de "HAKSOLOK".

"FUNU SEI NAFATIN" - Porque o resto do País estava em caos e confusão, apresentava um vazio assustador, ali na Ponta Leste, a luta continuou organizada e foi dali que partimos para reestendê-la e levar, de novo, o fogo da Resistência a todo o País, respondendo aos anseios mais profundos e legítimos do nosso Povo. Ponta Leste foi, também, o celeiro dos Quadros, que forneceu os Quadros para cobrir o País e levar a luta para onde deixara de existir.

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

2 - Estrutura Político-Administrativa.

A actual estrutura do Poder é aquela que, neste momento, responde melhor à actual situação do País. Assim, a nível nacional, o Órgão Máximo é o Conselho Revolucionário de Resistência Nacional que corresponde ao Comité Central do Partido, cujo responsável máximo é o Comandante-em-Chefe das FALINTIL. Nas Regiões, há Comissões Regionais de Resistência e, nas Sub-regiões, Centros de Resistência Nacional e, nas zonas, Núcleos de Resistência Popular.

3 - Papel directivo do Partido.

O Partido é a organização política da vanguarda de uma classe, que tem por objectivo a defesa intransigente da classe, da sua classe ou da classe que representa. Um Partido burguês é um Partido que representa a classe exploradora, que é a burguesia cujo objectivo consiste em manter as massas trabalhadoras, o proletariado sob a sua dominação. Assim, todo o Partido que representa uma classe defende um determinado interesse de classe. Um Partido do proletariado, um Partido Comunista ou ainda um Partido Marxista-Leninista, representa a classe trabalhadora ou o povo trabalhador, os oprimidos e explorados, defende os seus interesses, interesses esses que consistem em libertar-se da dominação e exploração da burguesia - a classe exploradora. Para conseguir libertar-se da dominação e exploração da burguesia, o proletariado trabalhador deve lutar, por todas as formas, pela conquista do poder político, derrubando a classe opressora e exploradora da burguesia dominante. Assim também, o nosso Partido Marxista-Leninista é a organização política de classe do Povo trabalhador de Timor Leste, é a vanguarda revolucionária que representa os interesses mais profundos do Povo Maubere que lutou e continua a lutar pela defesa intransigente e sem compromissos desses mesmos interesses. Em qualquer país que seja, o Governo é sempre o Executivo do Partido. Num país, onde o Poder está na mão da classe exploradora, isto é, onde o Partido dos exploradores - o partido burguês - éque está no Poder ou detém esse poder, o Governo faz aquilo que o Partido governante diz e manda, quer dizer, o governo, é posto ali pelo Partido que está no Poder.

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

Por isso, o nosso Governo é o Executivo do Partido, faz o que o Partido lh manda fazer em defesa dos interesses do Povo trabalhador. É o Partido quem traça o programa a ser executado pelo Governo - Programa esse que tem por objectivo a satisfação dos interesses imediatos das massas. É o Programa M nimo do Partido que é o mesmo que o Programa da Frente. Além do Programa M nimo, o Partido ainda tem o Programa Máximo que só pode ser realizado depois da realização do Programa Mínimo. Resumindo, podemos dizer que o Partido tem um papel fundamental de dirigir, orientar, activar e dinamizar todas as actividades políticas, militares, económicas, sociais e culturais. Ele traça a estratégia e as tácticas em cada momento concreto. O Governo executa essas orientações traçadas pelo Partido para cada etapa concreta da luta que têm sempre por objectivo a satisfação dos interesses vitais e, a longo prazo, do povo trabalhador. Normalmente, na prática, o Partido e o Governo confundem-se, pois o Partido está presente em todas as estruturas do Governo, participando, dirigindo, agitando todas as tarefas como é seu dever.

SESSÃO QUINTA - Quinta-Feira,5 de Março de 1981

Reorganização das Forças

1 - <u>Considerações temáticas e definição de conceitos para uma correcta compreensão da nossa guerra revolucionária específica à situação concreta do nosso País</u>

Estas considerações e conceitos foram tirados do texto "Guerra - temática fundamental neste período histórico" - produto de um estudo aturado e profundo realizado pelo Camarada Comissário Político Nacional e Comandante-em-Chefe das FALINTIL - Kay Rala Xanana Gusmão -. Um estudo atento deste texto permite-nos compreender as leis específicas que regem a nossa guerra revolucionária. Assim, totos os Quadros e militantes, desde o escalão superior até ao mais baixo devem realizar um estudo não só atento, mas também profundo, a fim de poder compreender a nossa guerra e saber como fazê-la e como dirigi-la.

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

Este texto é o início de um estudo, pois não o consideramos um estudo acabado pois as situações estão em constante desenvolvimento e, a todos os Quadros cabe, como dever e obrigação, desenvolver ainda mais este estudo pela prática da nossa guerra. A aplicação na prática dos princípios ali definidos, a forma dinâmica dessa aplicação a cada situação concreta, a sintetização dessas valiosas experiências, tudo isso é que fará desenvolver a nossa guerra e tornará aquele estudo mais rico, mais completo e desenvolvido. Por isso, dizemos que o texto "Guerra" é o início e, como no próprio texto diz, "esta dissertação representa sobretudo, para utilizar a terminologia militar, uma ofensiva"; ofensiva que constitui uma procura de debates, uma procura de discussões abertas e francas na busca de solução. Apesar de lutarmos lado-a-lado, ombro-a-ombro pelos mesmos objectivos nem sempre nos temos entendido ou, para nos entendermos, temos de levar muito tempo. Isso tudo tem-nos dificultado muito o trabalho e, principalmente, tem impedido uma melhor conjugação de esforços no sentido de encontrarmos uma solução para os nossos problemas a tempo e horas. É assim, e aqui, um pouco mais adiante, ou melhor, logo a seguir encontramos: "O Comando da nossa guerra deve ter conceitos comuns, princípios comuns para utilizar uma linguagem comum". Assim pois, procuremos aprender sempre, aprender com a experiência dos outros povos, aprender com o nosso próprio Povo e com as nossas própiras experiências. E ao aprendermos uns com os outros, tenhamos em mente mais uma passagem do mesmo texto: "As discussões académicas só servem para marcar distâncias entre o vencedor e o derrotado, os nossos debates têm um fim exclusivo que é o de aclarar a verdade buscando-a nas leis que regem os factos. Devemos estar todos movidos desse espírito são para servirmos a luta".

DEFINIÇÃO DE CONCEITOS.

A fim de permitir uma melhor e correcta compreensão da nossa guerra e também para permitir uma linguagem comum foram definidos os conceitos tirados do texto: "GUERRA - temática fundamental neste período histórico".

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

SESSÃO SEXTA - Sexta-Feira, 6 de Março de 1981

QUESTÕES JURÍDICAS

SESSÃO SÉTIMA - Sábado, 7 de Março de 1981

Sessão solene de encerramento

Sem dúvida nenhuma, a primeira Conferência Nacional para a Organização do Partido ficará para sempre na História e na memória de cada um dos participantes. Para comemorar esta Conferência e, principalmente, para comemorar o histórico dia 3 de Março de 81, data da criação do Partido, foi elaborado um programa de solenidades incluindo uma parada de honra, içar de bandeira e convívio.

16 HORAS - Cada Quadro e militante participante da Conferência foi depôr o seu nome no memorandum elaborado para o efeito que ficará para atestar na memória dos tempos e às gerações vindouras, aquela histórica Conferência. Falaram alguns Quadros e expressaram a sua alegria e satisfação por terem participado naquela Conferência, sobre o significado daquela Conferência para si, em particular, e para a Revolução em geral. Por causa do adiantado da hora, o pronunciamento a fazer-se pelos restantes membros do Partido, foi adiado para o dia seguinte.

17 HORAS - Parada de honra prestada por uma Companhia da Brigada Vermelha. O Comissário Político Nacional na qualidade de Comandante-em-Chefe das FALINTIL e responsável máximo do Conselho Revolucionário de Resistência Nacional, passou revista às tropas em parada. A seguir, foi o içar da Bandeira e o desfile perante a tribuna onde se encontrava o C.R.R.N. Depois do desfile, houve um breve comício às Forças e elementos da população presentes focando, sobretudo, o alto significado histórico da Conferência e a nova etapa que se vai seguir bem como o papel importante que cabe às FALINTIL dentro desta etapa.

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

Soaram as palavras de ordem quebrando os ares, com força e calor, exprimindo a determinação inabalável de um povo confiante de que resistindo, esmagará o colonialismo e derrotará o imperalismo. Veio o convivio e, no centro do recinte, as chamas crepitaram irradiando calor e iluminando os rostos alegres de todos os presentes que pareciam querer dizer que, afinal a estrela branca que vinha alumiando e guiando a revolução do heróico Povo Maubere era o Partido Marxista-Leninista / FRETILIN, o qual acabava de ser criado naquela histórica Conferência. Aquelas chamadas pareciam querer exprimir o ardor combativo dos militantes, o ardente patriotismo do Povo Maubere que ao longo do tempo, nem colonialistas portugueses e muito menos ainda o expansionismo colonial javanês, apesar de todas as suas bombas, Caças, Tanques, armas e soldados de todos os feitios e tamanhos, poderão abafar. Pela noite, soaram as canções revolucionárias cortando os ares, levando nas asas as alegrias e as penas; os anseios e os sentimentos mais profundos de um povo em luta. As FALINTIL apresentaram uma cena mostrando a sua vida de bravura e heroicidade e, a seguir, uma dança - STOP MILITAR -, mostrando que, afinal também são homens, que não são simples máquinas de matar, que também têm sentimentos, paixões, tristezas e alegrias. Em cada intervalo, as palavras de ordem brotavam espontâneamente lançadas pelos militantes com gritos de alegria de um povo decidido a resistir e vencer. Um povo preparado para se lançar de novo para a frente com mais coragem e determinação. Assim, acabou a noite, uma noite de alegria que decorreu na sã camaradagem, fraternal, sem formalidades, com uma naturalidade sem par donde saimos com mais coragem, mais decididos e determinados a prosseguir, sem vacilar, o verdadeiro caminho encontrado e traçado na Conferência.

Domingo, 8 de Março de 1981

Continuação da Sessão de Encerramento

Todos os militantes falaram, exprimindo a sua alegria e satisfação por terem participado nesta histórica Conferência Nacional para a Constituição do Partido.

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com

Uns falaram mais, outros menos, mas todos falaram focando essencialmente o alto significado da Conferência. A Conferência foi a resposta mais correcta e eficaz ao grito de angústia do Povo Maubere depois da perda das Bases Vermelhas. A criação do Partido foi a melhor resposta, foi a resposta há tanto tempo esperada e ansiada que os melhores filhos da nossa terra tiveram a coragem e valentia de dar ao seu povo, aos seus anseios e esperanças, aos seus mais profundos sentimentos, à sua inabalável confiança na sua vanguarda revolucionária. A Conferência foi também uma grande escola em que todos aprenderam alguma coisa, donde saíram mais esclarecidos e mais conscientes sobre a Linha do Partido, mais decididos e determinados a pôr em prática as orientações imanadas. Na verdade, foi uma escola real de democracia onde todos aprenderam mutúamente com as experiências dos outros, onde todos aprenderam a respeitar as opiniões dos outros e ajudarem-se mutúamente na correcção de erros e limitações de um e de outro, na vontade de melhor servir, Resumindo, ela foi uma verdadeira escola de Centralismo democrático. As palavras calorosas, cheias de ardor revolucionário, bafejaram a todos, transmitindo a força e a determinação, a vontade de lutar de um punhado de homens que vencerá porque tem consigo a força indomável do seu Povo. Falaram, a seguir, os membros do Comité Central e o Camarada Comissário Político Nacional fechou a Sessão com um discurso de encerramento. Soou uma voz e a Internacional ecoou pelos ares.

"FOTI OIN KASIAN HO HATAN SIRA"

Viva a luta dos Povos oprimidos do Mundo!

Viva a Militância internacionalista!

Vila o Partido ML FRETILIN !

Abaixo o colonialismo e expansionismo javanês!

Abaixo o imperialismo!

Pátria ou morte: Resistir é vencer!

Timor Leste, Região Militar NAKROMA, aos 8 de Março de 1981.

O Secretário da Conferência
Mau Hodu Ran Kadalak
(Secretário da Conferência)

DIGITISED BY CHART PROJECT: http://timorarchives.wordpress.com